



**Universidade de Brasília**  
**Faculdade de Comunicação**  
Comunicação Organizacional

LUCAS VINÍCIUS CORREA DOS SANTOS

**UMA ESCUTA A AFROEMPREENDEDORES**

Meandros e as Interfaces do Empreendedorismo de Pessoas Negras

Brasília

2017

LUCAS VINÍCIUS CORREA DOS SANTOS

**UMA ESCUTA A AFROEMPREENDEDORES**

Meandros e as Interfaces do Empreendedorismo de Pessoas Negras

Monografia apresentada à banca examinadora da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Comunicação Organizacional.

Professora Dra. Ellis Regina da Silva

Brasília

2017

LUCAS VINÍCIUS CORREA DOS SANTOS

**UMA ESCUTA A AFROEMPREENDEDORES**

Meandros e as Interfaces do Empreendedorismo de Pessoas Negras

A Comissão Examinadora, abaixo identificada, aprova o Trabalho de Conclusão do  
Curso de Comunicação Organizacional da Universidade de Brasília do aluno

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ellis Regina Araújo da Silva  
Professora-Orientadora

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Janara Kalline L. L. de Sousa  
Professora-Examinadora

Doutoranda Natália Oliveira Teles Alves  
Professora-Examinadora

Brasília

2017

*"E, como naquela sociedade, o cidadão era o branco, os serviços respeitáveis eram "serviços-de-branco", ser bem tratado era ser tratado como o branco. Foi com a disposição básica de ser gente que o negro organizou-se para a ascensão, o que equivale dizer: foi com a principal determinação de assemelhar-se ao branco - ainda tendo que deixar de ser negro - que o negro buscou, via ascensão social, tornar-se gente."*

**SOUZA, Neuza. *Tornar-se Negro*. P.19**

Dedico este trabalho a todos os afroempreendedores pela coragem de estar apostando, desafiando e mudando a visão do mundo.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, agradeço aquele que sempre está à frente das minhas decisões, Deus! A minha perseverança vem dele e de quem me criou, minha mãe Simone. Agradeço essa mulher que sempre esteve do meu lado em todos os momentos da minha vida. Quem nunca desistiu de mim e que faz de tudo para eu conquistar meus sonhos. Agradeço meus irmãos, Monique e Humberto Junior, pelo apoio durante todos esses anos, que cresceram comigo e entendem que a felicidade de um é a de todos. Agradeço também a minha vó Sônia, que até dinheiro para meus estudos ela forneceu. Devo parte dessa conquista a ela e agradeço todo o carinho que tem me dado desde de pequeno.

Ao meu namorado Eduardo Bittar, que está comigo desde o início da minha graduação e que está sempre me levantando quando eu enfraqueço. Junto a ele agradeço meus amigos Raul Nunes e Júlia Ayla, que também fazem parte dessa trajetória acadêmica e que foram ótimos companheiros de estudos dentro e fora da Fac.

Aqui na Faculdade de Comunicação da UnB, tive o prazer de conhecer grandes professores e funcionários que me capacitaram e me fizeram chegar até aqui. Agradeço em especial as professoras Elen Geraldês e Janara Souza, duas educadoras e doutoras excelentes, que pude ter o prazer de não só ter aprendido muito com elas, mas de poder trabalhar ao lado de grandes ícones da FAC. Não poderia esquecer da professora Ellis Regina, escolhida a dedo para ser orientadora deste trabalho, que também fez grande diferença em minha trajetória na FAC. E por último e não menos importante, agradeço em especial a Rosa Helena, mestrando e funcionária da UnB que sempre me ajudou na FAC, além de ser uma grande amiga.

## RESUMO

Como o empreendedorismo contribui para o fortalecimento e reconhecimento da cultura negra? Como o afroempreendedorismo cria um espaço de diálogo e gera possibilidades diante do preconceito e da desigualdade? Essas foram as perguntas que impulsionaram o ritmo e prosseguimento do trabalho. O estudo analisou a presença de negros à frente de seus negócios, o que foi possível coletar um rico conteúdo, que mostra as dificuldades por trás de um negócio, os desafios sociais e pessoais, além das barreiras que a cor pode trazer no mercado de trabalho. O conteúdo também apresenta um apanhado histórico, além das consequências que levaram a sociedade negra criar uma área dentro do empreendedorismo e o surgimento de políticas públicas para essa parte da população. Convidei 5 afroempreendedores que contribuíram com os seus relatos em uma pesquisa individual em profundidade, para uma apreciação das questões e justificativas deste trabalho, além dos casos de superação que também são encontrados nas entrevistas. Acrescento também a comunicação nesta pesquisa como ferramenta fundamental de análise para entender as relações humanas e suas vertentes. Como referencial teórico, aplica-se os conhecimentos de comunicólogos, empresários, historiadores e sociólogos, com discursos mais atuais, de modo a contribuir com o tema que possui viés contemporâneo.

**Palavras-chave:** comunicação organizacional; empreendedorismo; afroempreendedorismo; sociedade negra; racismo; inclusão social.

## ABSTRACT

How does entrepreneurship contribute to the strengthening and recognition of black culture? How does Afro-Entrepreneurship create a space for dialogue and generate possibilities in the face of prejudice and inequality? These were the questions that pushed the pace and continued work. The study looked at the presence of blacks in front of their businesses, QuickSave h allowed them to collect rich content that shows the difficulties behind a business, social and personal challenges, and the barriers that color can bring in the job market . The content also presents a historical overview, as well as the consequences that led the black society to create an area within entrepreneurship and the emergence of public policies for this part of the population. I invited 5 Afro-entrepreneurs who contributed their reports in an in-depth individual survey, to an appreciation of the issues and justifications of this work, in addition to the cases of overcoming that are also found in the interviews. I also add communication in this research as a fundamental analysis tool to understand human relations and their aspects. As theoretical reference, the knowledge of communicologists, entrepreneurs, historians and sociologists is applied, with more current discourses, in order to contribute with the theme that has contemporary bias.

**Keywords:** organizational communication; entrepreneurship; Afro-entrepreneurship; black society; racism; social inclusion.

## LISTA DE TABELA

<b>Tabela 1</b> – Perfil dos entrevistados .....	15
<b>Tabela 2</b> – Fatores que influenciam no processo empreendedor.....	19
<b>Tabela 3</b> – Percepção de oportunidades e habilidades para iniciar um novo negócio.....	22
<b>Tabela 4</b> – Principais instrumentos de tortura .....	35
<b>Tabela 5</b> – Pesquisa retrato das desigualdades de gênero e raça por habitação..	40
<b>Tabela 6</b> – Pesquisa retrato das desigualdades de gênero e raça por habitação..	40
<b>Tabela 7</b> – Renda média da população, segundo sexo, cor e raça, 2009 .....	43



## SUMÁRIO

<b>1. Introdução</b> .....	<b>9</b>
1.1. Apresentação do Tema .....	<b>10</b>
1.2. Afroempreendedorismo na Mídia e na Política .....	<b>11</b>
1.3. Metodologia .....	<b>14</b>
1.4. A Pesquisa de Campo .....	<b>15</b>
<b>2. O que é empreendedorismo?</b> .....	<b>16</b>
2.1. Afinal, Quais são os Processos do Empreendedorismo?.....	<b>19</b>
2.2. Empreendedorismo no Brasil.....	<b>20</b>
2.3. Contribuições da Comunicação Organizacional.....	<b>26</b>
2.4. O que é afroempreendedorismo? .....	<b>28</b>
<b>3. Negros e as questões históricas</b> .....	<b>32</b>
3.1. Pós Escravidão e o Negro Brasileiro .....	<b>39</b>
3.2. Responsabilidade Partilhada .....	<b>41</b>
3.3 Empreender para Resistir .....	<b>42</b>
<b>4. Vencendo obstáculos e ganhando a vida com o afroempreendedorismo</b> ..	<b>45</b>
4.1. Outros Trechos das Entrevistas .....	<b>56</b>
<b>Considerações finais</b> .....	<b>58</b>
<b>Bibliografia</b> .....	<b>60</b>

## INTRODUÇÃO

Por ser negro, advindo de uma família de empreendedores, cresci vendo o desafio de dirigir uma empresa. Não trato apenas dos parâmetros de disputa e sobrevivência que o empreendedorismo de modo geral prega, mas por enfrentar o mercado com as limitações que a cor gera. Ou melhor, as limitações que a sociedade e os resquícios da história alocam. .

Esta pesquisa busca analisar, diagnosticar e problematizar os motivos pelos quais a pessoa negra busca sua independência financeira e pessoal no empreendedorismo, que desemboca no afroempreendedorismo. O objetivo também é elevar a participação dos negros na economia Brasileira, além de problematizar a distribuição de recursos e a visibilidade desse grupo de empreendedores. Não apenas isso, mas também como o empreendedorismo negro é visto perante a sociedade e pela própria comunidade negra.

Muitos negros optam por criar suas próprias oportunidades devido a pouca instrução para disputar no mercado em ampla concorrência, por não se verem representados nas marcas e nos ambientes de trabalho e pela inquietação em não aceitar a forma como o sistema inferioriza indivíduos pela cor de pele e condição social. Sobretudo, a participação ativa do afroempreendedorismo em pautas de cunho social.

Eu, como graduando em Comunicação Organizacional, acredito no potencial do tema e na importância de inserir esse estudo na academia. O empreendedorismo está fortemente ligado à comunicação no que tange a intercomunicação de um negócio e/ou organização. É de responsabilidade minha e de meus colegas validarmos o impacto que a comunicação gera nas vias midiáticas e nos campos de disseminação da informação.

O trabalho está dividido entre apresentação do tema, o método usado para a pesquisa, conceituação e teorização do empreendedorismo e

afroempreendedorismo, as contribuições da comunicação organizacional, um breve capítulo sobre questões históricas e por último as entrevistas em profundidade, seguido das considerações finais e bibliografia.

## **APRESENTAÇÃO DO TEMA**

A sociedade negra carrega um legado histórico que torna as oportunidades empregatícias mais escassas e singulares, dentro de um sistema que categoriza lugar de pessoa negra e de pessoa branca. Hélio Santos (2001) nos ajuda a entender como essa divisão e segregação é estabelecida.

“o que salta aos olhos de quem observa [o Brasil] são os estoques raciais alocados em cada um desses dois mundos – o do muito e o do nada. (...) No primeiro Brasil, que poderia ser confundido com um país europeu, como a Bélgica, onde temos uma população de maioria branca e amarela. No outro Brasil, atrasado e pobre, temos um povo marcadamente não branco, onde predominam os pretos e pardos. Os poucos índios remanescentes também habitam esse segundo Brasil. Há um outro aspecto que nos chama atenção: apesar de serem dois mundos nada parecidos, em termos econômicos e sociais, a cultura vivenciada pelos dois brasis é a mesma. (SANTOS, 2001, 181, 182)

O racismo, que ainda é evidente no Brasil, impossibilita que negros possam ascender nos mais diversos espaços. De acordo com a Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade 2012) mais de 50% das pessoas negras se concentram em cargos de menor prestígio e, na média geral, a remuneração por hora da população negra é 63,9% do que recebem os não negros. É por isso que muitos se encontram no empreendedorismo, pois permite maior liberdade de atuação, expressão e de reafirmação da identidade negra.

O Brasil registra, na última década, a evolução de indicadores socioeconômicos que embasa a construção de uma sociedade mais desenvolvida e mais justa. Nesse processo, o empreendedorismo tem sido protagonista. Mais do que uma oportunidade de evoluir na vida, como ocorre em tantas economias mais desenvolvidas, aqui no País ele também é um fenômeno de inclusão social.”

(Desenvolvimento e Empreendedorismo Afro-Brasileiro. BARRETO, Luiz, 2013, p.35)

Empreendedorismo é um termo muito usado no âmbito empresarial e muitas vezes está relacionado com a criação de empresas ou produtos novos. Empreender é também agregar valor, saber identificar oportunidades e transformá-las em um negócio lucrativo. Já o afroempreendedorismo surge da necessidade de políticas públicas e da falta de representatividade dos negros no mercado. Esse tipo de empreendedorismo visa resgatar e incentivar costumes, produtos, e serviços originalmente ou primordialmente realizados por afro-brasileiros, além de colaborar com a luta contra o racismo persistente na vida social e no mundo dos negócios.

Atualmente, segundo dados do SEBRAE (2016), mais da metade dos empreendedores brasileiros são negros. Para o presidente do Sebrae, Luiz Barreto, ao portal de notícias do Sebrae<sup>1</sup>, o avanço da participação de pessoas negras à frente de empresas indica também que as políticas sociais voltadas para essa parcela da população e a criação da figura jurídica do Microempreendedor Individual (MEI), estão contribuindo para a melhoria dos indicadores desse grupo.

## **AFROEMPREENDEDORISMO NA MÍDIA E NA POLÍTICA**

Atualmente o cenário empreendedor brasileiro ganhou uma nova pauta: o afroempreendedorismo. A discussão sobre o protagonismo de empreendedores negros no mercado vem ganhando apoio pelo seu cunho social e inclusivo. Por se tratar de uma abordagem muito nova, é cedo tratarmos o afroempreendedorismo de um ponto de vista teórico, pois o campo ainda se encontra em desenvolvimento, onde me enquadro como um dos pioneiros a trazer esse debate em formato de monografia. Sobretudo senti a necessidade de trazer para este estudo como a mídia e a política estão tratando o assunto, como esse empreendedorismo negro

---

<sup>1</sup> Disponível em  
<<http://www.rn.sebrae.com.br/evento/empreendedor-negro-e-maioria-no-rio-grande-do-norte/>>  
acesso em 14 de novembro de 2017, às 15:57.

disputa um espaço no mercado com poucos recursos ainda disponíveis para esse grupo.

Sabemos que empreender no Brasil não é uma tarefa fácil quando se trata de burocracia. Isso afunila ainda mais as chances de conseguir um lugar de status e consagrar uma marca a nível nacional/internacional. Por outro lado, sabemos o peso do empreendedorismo na geração de empregos e o quanto o mesmo representa no nosso Produto Interno Bruto (PIB).

Na comparação mundial, o Brasil se destaca com a maior taxa de empreendedorismo, quase 8 pontos percentuais à frente da China, o segundo colocado, com taxa de 26,7%. O número de empreendedores entre a população adulta no país é também superior ao dos Estados Unidos (20%), Reino Unido (17%), Japão (10,5%) e França (8,1%). Entre as economias em desenvolvimento, a taxa brasileira é superior à da Índia (10,2%), África do Sul (9,6%) e Rússia (8,6%). (disponível em <<https://exame.abril.com.br/pme/brasil-e-o-primeiro-em-ranking-de-empreendedorismo/>> acesso em 29 de outubro de 2017, às 19:37)

Isso estimula o surgimento de algumas iniciativas que englobam esse afroempreendedor. Em São Paulo a Lei 16.335 , sancionada em dezembro de 2015 pelo prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, cria o Programa Municipal São Paulo Afroempreendedor, que prevê ferramentas para o cidadão negro acessar recursos para a abertura de empresas. Em Brasília, um pouco depois, o governador Rodrigo Rollemberg também sancionou a Lei 5.447/2015, que cria o Programa Afroempreendedor. Detalharei mais a frente. Na área cultural também é possível perceber mudanças. Apesar de não ser direcionado a determinado público, a Lei Rouanet 8.313/91<sup>2</sup> dá margem para que projetos afros possam conseguir ter acesso à recursos. A Lei “instituiu o Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac) que estabelece as normativas de como o Governo Federal deve disponibilizar recursos para a realização de projetos artístico-culturais.

Quero pontuar que esses negros empreendedores não surgiram com o afroempreendedorismo recente. A muito tempo se via empreendedores negros ganhando a vida com os recursos que lhe cabiam ou que podiam ter acesso. Hoje

---

<sup>2</sup> disponível em <<http://rouanet.cultura.gov.br/>> acesso em 29 de outubro de 2017, às 20:25.

o que vemos é o avanço na análise da estrutura em como esses recursos e as oportunidades são distribuídas entre a sociedade.

O empreendedorismo pode servir como uma ferramenta social de diálogo, mudança e de impacto na sociedade. É a partir desse entendimento que o Movimento Black Money<sup>3</sup> surge para estabelecer que “o dinheiro de um negro possa ir para a mão de outro negro”. Isso funciona basicamente como uma rotatividade financeira, que fica estabelecido que eu só compro de uma marca se eu me sentir representado, negramente dizendo, por ela. Seja através do vendedor/prestador ou de como a marca é lida. Isso faz com o que o dinheiro circule dentro da comunidade negra, alavancando suas chances de poder aquisitivo e de fomento.

Parecido a esse movimento, é que o aplicativo Kilombu<sup>4</sup> colabora com essa mesma linha de entendimento. A plataforma reúne anúncios de negócios e serviços de empreendedores negros, por sua vez, busca fazer o dinheiro girar na mão do empreendedor negro, tornando-o ainda mais potencializado na sua área de atuação.

Se “a população negra no Brasil é responsável por movimentar R\$673 bilhões por ano”, segundo um estudo do Data Popular (2015). “Encomendado pelo Fundo Baobá.” Entre 2004 e 2011, houve um crescimento do grupo, que totalizava 48,3% da população e agora corresponde a 51,7%.” Segundo informações do Portal de notícias Exame<sup>5</sup>. Nós negros ainda temos um longo caminho para percorrer, mas já iniciamos o trajeto.

## **METODOLOGIA**

---

<sup>3</sup> “E começo a pensar nas estratégias que estamos utilizando para manter a circulação deste dinheiro dentro da nossa comunidade e nos empoderar economicamente, esse movimento é popularmente conhecido como “black money”.” disponível em <<https://mundonegro.inf.br/precisamos-falar-sobre-o-black-money/>> acesso em 29 de outubro de 2017, às 21:00.

<sup>4</sup> “O aplicativo visa reunir anúncios de negócios e serviços de empreendedoras e empreendedores negros.” disponível em <<http://www.kilombu.com/>> acesso em 29 de outubro de 2017, às 21:15.

<sup>5</sup> Mais informações em <<https://exame.abril.com.br/>> acesso em 29 de outubro de 2017.

Almejando ter acesso a um rico conteúdo para a produção deste trabalho e dar voz para o debate, busquei utilizar a técnica da entrevista individual em profundidade, que segundo Duarte (2006, p. 62) é “uma técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada.” Entre as principais qualidades dessa abordagem está a flexibilidade de permitir ao informante definir os termos da resposta e ao entrevistador ajustar livremente as perguntas. Este tipo de entrevista procura intensidade nas respostas, não exigindo quantificação ou representação estatística.

Por se tratar de um tema de caráter sensível, o método usado foi o que mais se encaixou para este estudo. A liberdade de expressão e o não pressionamento de respostas fechadas e objetivas, característica da pesquisa em profundidade, dão margem para diálogos mais amplos e pessoais, sem perder o foco e a objetividade, pois o que conta nesse estudo é a experiência vivida pelo entrevistado.

A entrevista em profundidade pode ser categorizada em entrevista aberta, semi-aberta e fechada. Para este trabalho usei a entrevista semi-aberta.

“Modelo de entrevista que tem origem em uma matriz, um roteiro de questões-guia que dão cobertura ao interesse de pesquisa. Ela “parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante.” (TRIVIÑOS, 1990, p. 146 apud DUARTE, 2006, p. 66)

Foram entrevistados 5 empreendedores negros, com idades entre 20 a 50 anos, que estavam divididos entre o ramo da moda, cultura, gastronomia, infantil e educação. Dentre esses empreendedores deveriam haver no mínimo um homem e uma mulher, onde todos iriam contar suas trajetórias no cenário mercadológico de Brasília. Além de expor suas ideias a respeito do tema e a importância de seus negócios para o cenário brasileiro e para a sociedade negra. Abaixo é possível conferir a tabela com o nome, idade, escolaridade, ocupação e tempo de experiência na área de cada entrevistado:

Nome	Idade	Escolaridade	Ocupação	Tempo de experiência
Marta Carvalho	46	Ensino médio	Produtora cultural	28 anos
Matheus Nobre	23	Ensino médio	Cozinheiro	4 anos
João Paulo Silva	24	Superior	Produtor cultural	3 meses
Layla Moreno	23	Superior	Cabeleireira	6 anos
Cristine Mourão	25	Superior	Ajudante de artesã	2 anos

**Figura 1**

As entrevistas foram realizadas pessoalmente e todas gravadas em áudio. Cada gravação deveria ter cerca de 60 minutos no máximo, para não comprometer o tempo de transcrição de uma entrevista para outra. Além disso cada entrevistado teve oportunidade de relatar sua trajetória da infância até a fase adulto, com o intuito de estimular o raciocínio. É válido lembrar que não houve uma exigência sobre não ter vínculos empregatícios com outras instituições, com tanto que não interferisse no objeto de estudo.

## **A PESQUISA DE CAMPO**

Sugeri que todos escolhessem um local e horário que achavam pertinente para a realização da entrevista individual. A intenção era que cada entrevistado se sentisse à vontade, outros preferiram que eu escolhesse o local, mas no fim tudo correu como previamente combinado.

As entrevistas tinham 3 tópicos guia para não perder o foco e comprometer a pesquisa. Esses tópicos foram divididos em, 1) a vida e a trajetória do



entrevistado até o afroempreendedorismo; 2) como o entrevistado se vê e reconhece o seu negócio; 3) relação do entrevistado com questões raciais.

A pesquisa seguiu uma rota de acordo com a vivência do entrevistado, detalhando o que o motivou a seguir o caminho do empreendedorismo e também o processo que o levou a encontrar sua vocação. Claro, pedi também que explicasse as dificuldades administrativas, de gestão e os apoios que receberam, se receberam. Por serem negros e por representarem a sociedade negra através de seus negócios, pedi que falassem um pouco da impressão que causam ou que querem causar no público, além de suscitar uma reflexão através da imagem da marca, bem, serviço ou ação. E por último e não menos importante, entrei na questão da desigualdade racial no país que ainda é muito visível, onde o entrevistado, sendo um agente que fomenta e dá visibilidade a cultura negra, relatou sua visão e perspectiva sobre o Brasil. Fechamos a entrevista com o entrevistado relatando como é viver sob a mira do preconceito racial no seu dia a dia e no ambiente de trabalho.

## **O QUE É EMPREENDEDORISMO?**

Existem diversas definições e conceitos para empreendedorismo, isso quer dizer que o tema tem um campo de exploração extenso, além de fazer parte da nossa realidade. Evandro Paes dos Reis e Álvaro Cardoso Armond, dois professores experientes na área de gestão e montagem de negócios a mais de 20 anos, buscaram reunir seus conhecimentos para escrever o livro Empreendedorismo (2012), onde apresentam os principais conceitos da palavra.

“Robson Menezes, professor de empreendedorismo da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), define: “Empreendedorismo é um aprendizado pessoal que, impulsionado pela motivação, criatividade e iniciativa, busca a descoberta vocacional, a percepção de oportunidades e a construção de um projeto de vida ideal. Ser empreendedor é preparar-se emocionalmente para o cultivo de atitudes positivas no planejamento da vida. É buscar o equilíbrio nas realizações considerando as possibilidades de erros como processo de aprendizado e melhoramento. Ser empreendedor é criar ambientes mentais

criativos, transformando sonhos em riquezas.” (REIS, ARMOND, 2012, p. 13)

Com o acesso à internet mais disseminado, e a gama de sites com pauta sobre empreendedorismo, achei relevante agregar ao conhecimento a conceituação de empreendedorismo pelo portal Endeavor, uma organização global sem fins lucrativos, com a missão de multiplicar o poder de transformação do empreendedor brasileiro. Há 16 anos, a organização trabalha para criar condições para que os empreendedores exerçam seu papel de protagonistas na transformação do Brasil e do mundo. De acordo com o portal, empreendedorismo é a disposição para identificar problemas e oportunidades e investir recursos e competências na criação de um negócio, projeto ou movimento que seja capaz de alavancar mudanças e gerar um impacto positivo. (<https://endeavor.org.br/quem-somos/>, acesso em 8 de outubro de 2017, às 21:24)

É muito comum resumimos o empreendedorismo como algo derivado do capitalismo. Pode acontecer que envolva questões econômicas e mercadológicas, mas isso não é regra. Sobretudo, na revolução industrial, foi quando essa familiarização teve sua distinção, na França, no início do século XVII.

O escritor e economista Richard Cantllon (1680-1734), considerado um dos criadores do termo empreendedorismo, (*entrepreneur*, em francês) diferenciou o empreendedor do capitalista. Entende-se como capitalista que ou quem disponibiliza capital. Cantllon afirmava que um empreendedor é aquele que assume os riscos, que investe em algo novo. Hisrich (1985, p.18) foi além dessa definição e teorizaram que o empreendedorismo surgiu na Idade Média como “processo de criar algo diferente e com valor, dedicando o tempo e o esforço necessário, assumindo os riscos financeiros, psicológicos e sociais correspondentes e recebendo as conseqüentes recompensas da satisfação econômica e pessoal”. O empreendedorismo também é um conjunto de ações que visa um único projeto, seja pessoal ou organizacional. É “uma cadeia de eventos e atividades que ocorrem ao longo do tempo – em alguns casos, períodos consideráveis de tempo.” (BARON, 2007, p.16)

Há duas teorias acerca do empreendedorismo: a teoria econômica e a teoria comportamentalista. A teoria econômica foi a qual surgiu primeiro, visto que foram grandes nomes da economia, como Richard Cantillon já citado acima, que estudaram e consagraram o empreendedorismo do ponto de vista econômico. Esses economistas estavam focados em entender como o empreendedorismo favorece o mundo dos negócios. Já a teoria comportamentalista se preocupa em como as atividades e os processos do empreendedorismo geram impactos no empreendedor e na sociedade.

O conjunto de valores que norteiam um empreendedor são fundamentais para entender a percepção dele da sociedade e suas contribuições sociais e econômicas. David C. McClelland foi o primeiro a contribuir com o estudo das ciências do comportamento, que afirmava que a convicção e o sucesso do empreendedor advém de um desejo como uma força realizadora controlada pela razão. Em resumo, Dolabela (1999, p.47) afirma que teóricos que estudam as duas correntes argumentam que “os economistas associaram o empreendedor à inovação e os comportamentalistas que enfatizam aspectos atitudinais, com a criatividade e a intuição”

Esse trabalho acredita que ambas as teorias (comportamentalista e econômica) são complementares. Julgo justo haver um equilíbrio, apesar do universo empreendedor ser desnivelado nessa perspectiva. Apesar disso, o fundamento do meu argumento é associado à perspectiva do empreendedor de sucesso que a Associação Brasileira de Consultores Empresariais (ABRACEM) prega. Com os estudos do SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) juntamente com a ONU (Organização das Nações Unidas), foram identificados 10 características comportamentais dos empreendedores de sucesso, elas por sua vez se dividem em três conjuntos: Conjunto de **realização**, conjunto de **planejamento** e conjunto de **poder**.<sup>6</sup>

No fim, essa soma de conjuntos formam a possibilidade de um empreendedor que pensa na harmonia ou bem estar individual e social, sem

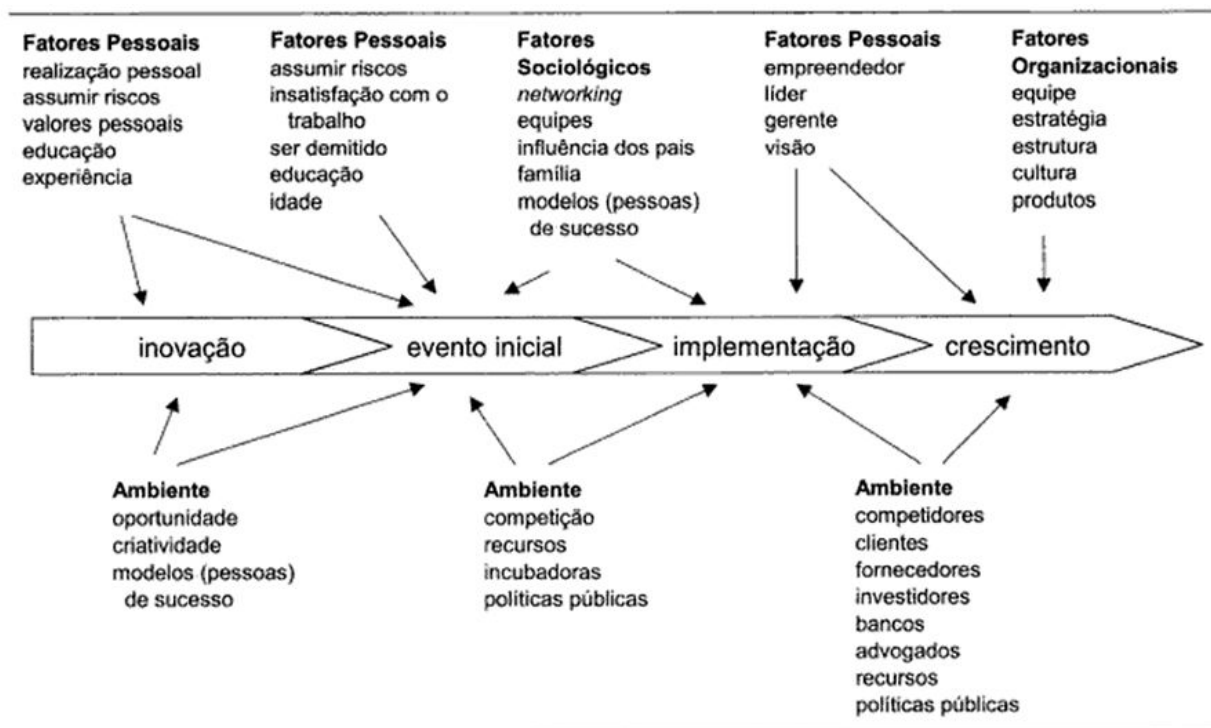
---

<sup>6</sup> Informações concedidas pela ABRACEM, disponível em <<http://www.abracem.com.br/competencias-habilidades-e-atitudes-dos-empresarios-de-sucesso/>> acesso em 8 de outubro de 2017, às 21h.

perder de vista o suporte financeiro que uma ideia ou atitude pode gerar para um todo.

## **AFINAL, QUAIS SÃO OS PROCESSOS DO EMPREENDEDORISMO?**

Em primeiro plano, iremos tratar o empreendedorismo como objeto de estudo e entender quais são os processos que o norteiam. Necessariamente esse estudo está ligado a outras áreas da ciência. Dornelas (2008, p.24) em sua obra *Empreendedorismo Transformando Idéias em Negócios*, avalia o processo empreendedor a partir de fatores externos, ambientais e sociais, a aptidões pessoais ou a um somatório de todos esses fatores, que são críticos para o surgimento e o crescimento de um novo negócio. A figura abaixo exemplifica alguns fatores que mais influenciam esse processo durante cada fase da aventura empreendedora.



**Figura 2** Fatores que influenciam no processo empreendedor (adaptado de Moore, 1986) (DORNELAS, 2008, p.25)

Esse processo é diretamente influenciado por um mediador. É quem estará no meio dessa troca de informações e experiências, tanto com a realidade do “mundo” interno quanto com o externo, na criação de uma cultura de negócio.

Automaticamente os fatores acima são intrínsecos para o processo do empreendedorismo, e juntos formam o que chamamos de “*know-how*”. A palavra que é derivada do inglês, se traduzida para o português ficaria *saber-fazer*, mas o que isso quer dizer? Em sua acepção comum, significa “conhecimento prático, técnica, expertise” (CONCISE..., 1995, p. 753, tradução minha), “conhecimento que se tem em determinada área ou habilidade técnica para exercê-lo” (iDICIONÁRIO, 2017). O conhecimento e as habilidades vão ser destaques no estudo do empreendedorismo, para que consigamos convergir em um mesmo ambiente os recursos e o capital.

Sobretudo, não acredito que o “rosto” do empreendedorismo seja apenas 1, mas que ostenta personalidades diferentes. Seguindo esse ritmo vamos partir para a análise da presença desse universo no cenário Brasileiro.

## EMPREENDEDORISMO NO BRASIL

Nesta terceira parte do capítulo traremos o olhar do leitor para um recorte importante desse estudo e que delimita o espaço de pesquisa. Listamos uma série de questões anteriormente para traçar um dos nossos objetivos neste estudo que é analisar como se estabelece o empreendedorismo no Brasil. A criatividade e a inovação<sup>7</sup> são fundamentais para o empreendedorismo. Isso já sabemos, mas o que ainda não sabemos é que tudo isso gira em torno de uma cultura. “A palavra cultura vem da raiz semântica *colore*, que originou o termo em latim *cultura*, de significados diversos como habitar, cultivar, proteger, honrar com veneração” (Williams, 2007, p.117). Ao longo dos anos esse termo foi se remoldando e sendo associado ao que hoje chamamos de cultura, que nada mais é uma invenção coletiva de símbolos, valores, idéias e comportamentos “de modo a afirmar que todos os indivíduos e grupos são seres e sujeitos culturais”, complementa Marilena Chauí (1995, p.81).

É certo que um país é possuidor de cultura, logo o empreendedorismo está fortemente ligado a capacidade e as condições que um país oferece para exercer tal atividade. Caímos novamente no quadro de fatores influenciadores (figura 1, p. 19). Bosma e Levie (2010) entendem que “A quantidade e a qualidade das oportunidades e capacidades percebidas podem ser impulsionadas pelas condições nacionais, tais como o crescimento econômico, o crescimento da população, cultura e políticas nacionais de fomento ao empreendedorismo” (MACHADO, 2009, p. 40).

Tendo isso em mente, podemos embasar o conceito de empreendedorismo como algo a partir de necessidades atuais ou futuras, reais e empíricas e que justificam quase sempre nossa visão e entendimento sobre o significado de empreendedorismo no Brasil. Mais para frente trataremos esse significado com base na pesquisa em profundidade.

---

<sup>7</sup> “Inovação é a implementação de um produto (bem ou serviço) novo ou significativamente melhorado, ou um processo, ou um novo método de marketing, ou um novo método de inovação nas práticas de negócio, na organização do local de trabalho ou nas relações externas.” ( REIS, Evandro. ARMOND, Álvaro. Empreendedorismo. Curitiba: IESDE Brasil, 2012, p.211)

O Monitoramento Global de Empreendedorismo (GEM), uma organização que tem como objetivo avaliar o crescimento e a importância do empreendedorismo para a economia, em nível internacional, nasceu nos Estados Unidos em 1999. Em 2017, já presente em mais de 80 países, incluindo o Brasil, o GEM é a maior organização do mundo que realiza um estudo contínuo sobre a dinâmica empreendedora. Dados divulgados pela GEM revelam que 80% dos Brasileiros julgam o empreendedorismo uma boa opção de carreira, e esse número se torna mais expressivo quando nos deparamos com a economia Brasileira. Um quarto do PIB do Brasil vem das micro e pequenas empresas de acordo com Sebrae Mato Grosso (2014). São 9 milhões de empreendimentos espalhados pelo Brasil que fomentam, não só a economia local, como gera empregabilidade e manutenção para essa atividade.

Quando falo de empreendedorismo no Brasil automaticamente associo às micro e pequenas empresas, como citei no parágrafo acima. Essa associação se dá por meio das políticas públicas e das instituições que estão incentivando o avanço dessa atividade no Brasil. Essas nomenclaturas (micro e pequenas empresas) se popularizaram quando foi criado em 2009 o programa Micro Empreendedor Individual (MEI)<sup>8</sup>, que reconheceu a importância desses pequenos empresários para a economia Brasileira. O MEI visa regularizar os micros e pequenos negócios perante a lei, e principalmente para provar que o trabalho formal é muito mais rentável do que trabalho informal.

Também em 2009, uma pesquisa feita pela GEM avaliou a percepção de empreendedores sobre oportunidades e habilidades para realizar alguma atividade no Brasil, que revelou:

Afirmações	Empreendedores		População Total
	Inicias	Estabelecidos	
	Proporção (%)		
afirmam perceber para os próximos seis meses boas			

<sup>8</sup> As informações a respeito do MEI estão disponíveis em <http://www.portaldoempreendedor.gov.br/> acesso em 24 de agosto de 2017, às 15h.

oportunidades para se começar um novo negócio na região onde vivem	57,3	48,1	47,9
Consideram possuir o conhecimento, a habilidade e a experiência necessários para começar um novo negócio	72,0	69,3	56,9

**Figura 2.1** Percepção de oportunidades e habilidades para iniciar um novo negócio - Brasil. GEM (2009)

É válido ressaltar que essas percepções não são conclusivas para o nosso objeto de estudo. É necessário fazermos um recorte mais além, e avaliar de onde partem essas concepções de empreendedorismo e quem elas abraçam. De acordo com Bosma e Levie (2010), por Machado (2009, p.41)

há mais do que esses fatores em jogo. se as pessoas veem mais e mais empresários bem sucedidos em sua localidade ou na mídia, isso afeta o reconhecimento e o valor social do empreendedor no seio de uma sociedade, além de poder aumentar a percepção de suas próprias capacidades (não implicando necessariamente o aumento das capacidades reais). esse efeito pode ser mais forte quando o clima econômico é favorável. além disso, pode haver diferenças demográficas na (percebida) capacidade empreendedora devido a razões históricas de natureza socioeconômica ou cultural. nesse sentido, é possível afirmar que são pertinentes políticas e programas públicos ou privados que atuem em públicos-alvo de percepção mais negativa em relação às capacidades empreendedoras, assim como a atuação na melhoria de capacidades reais.

Não se trata apenas de genialidade e talento, mas do lugar que o indivíduo ocupa na sociedade e sua real necessidade. E mais uma vez o indivíduo também pode ser influenciado por características demográficas, como idade, sexo, origem ou etnia, e também pelas instituições à sua volta. “A tolerância de um indivíduo ao risco pode ser um fator significativo na transição do empreendedorismo potencial (ou latente) à atividade empreendedora efetivada (Khilstrom; laffont, 1979, citados por bosma; levie, 2010)”. Isso quer dizer que pôr-se em risco vai além dos fatores naturais do empreendedorismo, mas a característica do empreendedor Brasileiro,



que pode justificar o sucesso ou o fracasso desse indivíduo. Uma pesquisa curiosa feita pela GEM (2009), ao entrevistar pessoas de países mais evoluídos, descobriu que as mesmas se consideram menos aptas a gerir ou começar algum negócio próprio. Já em países menos evoluídos essa percepção foi contrária, e se posicionaram como pessoas possuidoras de conhecimentos requeridos para gerar um empreendimento. Ou seja,

na segunda perspectiva, em função dos baixos níveis de escolaridade e capacitação para o empreendedorismo, as pessoas sequer supõem que não possuem determinados conhecimentos úteis e necessários para uma carreira empreendedora. De maneira inversa, explica-se a menor percepção obtida entre os países mais desenvolvidos: o ambiente de negócios é mais complexo, exigindo mais dos empreendedores, e a consciência das lacunas de capacitação se mostram presentes como reflexo da melhor qualidade da educação nesses países. (MACHADO, 2009, p.42)

Para essa reflexão cabe ao empreendedorismo por necessidade como causador da falta de conhecimentos necessários para abrir ou manter um negócio. São indivíduos que buscam alternativas para aumentar a renda ou sua realização profissional através do seu próprio negócio e acabam por não cumprir os processos que formam um empreendedor dito de sucesso. Pode-se dizer que os estudos tardios acerca do empreendedorismo no Brasil contribuíram para a má educação e distribuição dessas informações. Como área de pesquisa, é muito recente. O primeiro Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas (Egepe) foi realizado em 2000. Três anos mais tarde viria o Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (Anpad), em 2003. É perceptível a iminência de iniciativas que visam incentivar pesquisas na área de empreendedorismo no Brasil, com o intuito de estimular, nos alunos da graduação, pós-graduação e professores, reflexões acerca do tema, promovendo fóruns de discussões e também prêmios aos melhores trabalhos na área.<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> XXXIII ENcontro ANPAD, 19 a 23. 2009, São Paulo, SP.

Hoje, poder estar aqui falando sobre empreendedorismo na academia é um avanço que mais tarde outros empreendedores e estudiosos não sofrerão as conseqüentes perdas por falta de instrução e informação. Fazendo uma pesquisa na plataforma do CNPq<sup>10</sup>, foi possível encontrar 519 grupos com a linha de pesquisa em empreendedorismo, número nada parecido com o resultado levantado pelo próprio CNPq em 2009, que apontou somente 50 grupos de pesquisa na área no Brasil inteiro. Isso só colabora com o avanço do empreendedorismo no Brasil, e a importância de estudar esse fenômeno na sociedade. Diagnosticar os efeitos e a demanda dessa área de atuação, abre diálogo para incentivos e possibilidades de novos rumos, no primeiro, no segundo e no terceiro setor.

## **CONTRIBUIÇÕES DA COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL**

Como comunicador organizacional me sinto na responsabilidade de englobar esse tema às vertentes da comunicação, além de elevar esse estudo para uma apreciação do ponto de vista acadêmico. Sobretudo, para se ter um negócio, e claro, ganhar destaque, é necessário uma boa gestão, e é aqui que entra a comunicação organizacional.

Comunicação organizacional surgiu a partir de uma demanda influenciada pelos interesses empresariais, que fugia das questões comportamentais de uma empresa caso o foco não fosse o lucro. A partir daí uma forte influência das escolas de relações humanas iniciou o debate acerca das relações pessoais e interpessoais de uma organização. (CORRÊA, PEREIRA, 2015, p.2). Viu-se que a comunicação estava fortemente ligada a esse pensamento, e serviria de instrumento para o diálogo do conjunto organizacional.

A comunicação organizacional nasceu para trabalhar com dois tipos de públicos: o interno e o externo. A preocupação em manter uma “conversa”

---

<sup>10</sup> “O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), agência do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC), tem como principais atribuições fomentar a pesquisa científica e tecnológica e incentivar a formação de pesquisadores brasileiros.” Disponível em <[http://www.cnpq.br/web/guest/apresentacao\\_institucional/](http://www.cnpq.br/web/guest/apresentacao_institucional/)> acesso em 9 de outubro de 2017, às 17:26.

personalizada com ambos, surge da necessidade de uma comunicação estratégica para lidar com cada tipo de público, diferente do que o modelo tradicional pensava. Isso quer dizer que é preciso conhecer com quem e para quem a organização trabalha, qual o comportamento dessas relações, em que contexto elas se inserem, quais as necessidades pessoais, e não pessoais, implicam nessas relações, etc.

No começo dos anos 1980, a restrita linha de pesquisa de Goldhaber deu lugar a uma abordagem mais ampla e universal no campo da comunicação organizacional. Esta nova linha é bem resumida por Pacanowski e O'Donnell-Trujillo, que alegam que “existem mais coisas acontecendo nas organizações do que trabalho. [...] As pessoas brincam, falam mal uns dos outros, iniciam romances, [...] falam sobre esportes, organizam piqueniques. (MUMBY, apud, KUNSCH, 2009, p. 69)

Hoje, a comunicação organizacional contribui para uma série de questões institucionais, que dialogam com todos os envolvidos em prol de um único objetivo, seja qual for sua influência dentro e fora da instituição. Isso quer dizer que a comunicação organizacional apresenta 4 modalidades diferentes: a comunicação institucional, a comunicação mercadológica, a comunicação interna e a comunicação administrativa.

A comunicação interna pode ser entendida como sendo as interações, os processos de troca e os relacionamentos dentro de uma organização. Ela é responsável por fazer circular as informações e o conhecimento, de forma vertical, ou seja, da direção para os níveis subordinados, e, horizontalmente, entre os empregados de mesmo nível de subordinação. A comunicação mercadológica apresenta o conceito em seu próprio nome. É o tipo de comunicação voltada diretamente para o mercado, e possui a finalidade de “vender” produtos, serviços e idéias. Por ser uma comunicação oficial, a comunicação administrativa tem a função de transmitir toda informação com foco na gestão da empresa. Informações sobre novos lançamentos, programas, movimentos negociais, resultados, etc. E por último, e não menos importante, a comunicação institucional divulga a missão da instituição, transmite a função da empresa e dá ênfase à contribuição da

organização para a sociedade. (XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2009, Curitiba, PR.)

O planejamento estratégico, símbolo da comunicação organizacional, permite que uma empresa inove e acompanhe as mudanças que ocorrem durante o tempo, e isso soa fundamental para o pensamento de um empreendedor. Se não conseguimos nos comunicar de maneira efetiva é porque algo não está funcionando bem. As organizações são como um organismo humano, onde os órgãos são os setores, em que a troca de informação precisa acontecer para manter-se vivo. Com a mudança na perspectiva de que a comunicação é robótica e manipulável, conseguimos concluir que “há uma renovação nos estilos de gestão, que ora se apresentam mais voltados às pessoas com foco na descentralização e participação dos indivíduos, buscando a valorização e a satisfação das necessidades humanas como a dignidade e a valorização de competências individuais.” (CORRÊA, PEREIRA, 2015, p.5,6).

Chamando atenção para essa última fala dos autores, que diz respeito a humanização da comunicação, é uma questão que eu defendo no sentido de que hoje, negros, são grandes contribuintes para a economia Brasileiro e estão inseridos no mercado de trabalho. Isso não significa que são empreendedores, mas também assalariados. A inclusão é uma das responsabilidades das empresas, as quais necessariamente precisam estar atentas às minorias, aos olhos da sociedade. Somos seres movidos a sentimentos e que transformam o ambiente, e a qualidade profissional será um difusor das nossas atividades e interações.

O homem tem a necessidade de se expressar, de se sentir reconhecido e perceber sua identidade formada por meio das interações sociais. Interações estas que acontecem em todas as esferas da sua vida, desde o convívio familiar até o convívio profissional. A ausência do espaço da palavra e do diálogo espontâneo faz com que a organização perca oportunidades de crescimento e de mudança positiva. Quando há esta falha na estrutura organizacional, os relacionamentos se tornam mais complicados, com mais tensões e processos morosos (FERREIRA, 2009, p. 79).

Em resumo, essas habilidades comunicacionais que se integram, com base nas ciências da comunicação, e que formam a comunicação organizacional, muito tem a ver com a vertente principal deste trabalho. Empreendedorismo emprega pessoas, dialoga com clientes, faz uso da comunicação no seu dia a dia. É necessário que seus processos estejam fundamentados em uma comunicação integrada<sup>11</sup> para que tenha uma longa vida. Abraço a comunicação organizacional nesta pesquisa como uma ferramenta poderosa de difundir harmonia nos diversos setores. Tornando-se presente tanto na perspectiva operacional como estratégica do planejamento e gestão organizacionais.

## O QUE É AFROEMPREENDEDORISMO?

A razão de existir o afroempreendedorismo surge por meio de uma história. Iniciarei este capítulo relatando a trajetória dos pioneiros desse debate sobre a necessidade de políticas públicas e ações afirmativas para essa parcela de empreendedores negros. Para essa narrativa, agradeço de antemão todas as contribuições do livro “Desenvolvimento e Empreendedorismo Afro-Brasileiro” de João Carlos Nogueira (2013), juntamente com o projeto Brasil Afroempreendedor, do instituto Adolpho Bauer, obra responsável por todas as informações que virão a seguir.

Em 1996, um grupo de empresários e profissionais liberais negros, alguns ativistas, militantes ou simplesmente credos da iniciativa, se reunia em Brasília (DF) objetivando a criação de uma organização empresarial, com foco na ampliação da participação das empresas afro-brasileiras na realização de negócios no Brasil e no exterior. Este grupo foi visitar uma feira internacional de produtos em Senegal (África). Os poucos dias que ali ficaram lhes deram a certeza de que seria possível desenvolver projetos para que empresários brasileiros pudessem vender seus produtos para o mercado africano.

---

<sup>11</sup> “A comunicação integrada surgiu com o objetivo de unir as diversas atividades comunicacionais dentro da empresa. A integração dessas atividades foi possível graças à atuação conjunta dos profissionais da área, garantindo coerência da linguagem adotada e racionalização das atividades, como forma de atingir a complexidade dos públicos organizacionais.” (CABRAL, Adrine Coute et al. **Comunicação organizacional integrada: em busca de um conceito**1. Curitiba, PR, 2009, p. 2)

A concepção de uma associação de empresários negros já permeava os membros deste grupo, que enxergavam como estratégico o fortalecimento dos empresários e empreendedores negros como forma de inclusão e luta contra a discriminação e o preconceito racial. No entanto, entre o sonho, o desejo e a realidade havia um hiato que teriam que saber transpor para alcançar seus objetivos. Assim que começaram a sonhar com o estabelecimento dessas parcerias comerciais, se defrontaram com uma realidade conhecida, mas nem sempre palpável: não tinham ideia de quem eram, onde estavam e o que faziam os empresários afro-brasileiros.

Ao tentar descobrir, se depararam com outro problema: parte considerável dos empreendedores negros viviam na informalidade, não tinha experiência administrativa nem comercial e não possuía ferramentas teóricas de como administrar e levar adiante um negócio próprio. Como dá para perceber, as vendas para a África foram um fracasso, mas a iniciativa abriu um novo campo de atividade. A partir das dificuldades encontradas, buscaram conhecer melhor esse empresário negro e proporcionar condições para que ele pudesse se desenvolver, gerar renda para sua família, dar oportunidade de empregos e tornar sua atividade comercial um elemento de inclusão social.

Sob tal perspectiva, em 6 de maio 1997, foi fundado legalmente o Coletivo de Empresários e Empreendedores Afro-Brasileiro de São Paulo (Ceabra). Esta iniciativa estimulou a criação de Ceabras em outros estados brasileiros: Minas Gerais (Belo Horizonte) e Rio Grande do Sul (Porto Alegre). Em 1997, os Ceabras, integrando-se à experiência do Rio de Janeiro (do Circulo Olympio Marques, Colymar), iniciaram a preparação de uma instituição nacional, objetivando a ampliação da intervenção e participação das empresas afro-brasileiras. Foram criadas as bases da Associação Nacional dos Ceabras (Anceabra), que teve sua fundação em 16 de janeiro de 1999. Naquele mesmo ano, ocorreu o primeiro evento do Ceabra São Paulo, o seminário “Negro Rumo ao Século XXI”, que apontava o empreendedorismo como uma das saídas para a população negra no mundo do trabalho. Desde então, o Ceabra vem desenvolvendo várias atividades com essa finalidade, como cursos de qualificação profissional para jovens e adultos, capacitação empresarial e incubação de empreendimentos.

A partir daquele momento, e ao longo desses dezoito anos, o Ceabra São Paulo tem contribuído para formar cidadãos que acreditam em seus sonhos e buscam as formas e o instrumental para torná-los realidade. Nos cursos, palestras e oficinas já passaram mais de 7 mil jovens, empresários, artesãos e pequenos comerciantes. O Ceabra São Paulo, no entanto, não é apenas uma “escola” de gerenciamento empresarial. Juntamente com outros parceiros, com a academia e com o que também aprenderam a partir da convivência com esses jovens e empresários, procuram pensar políticas públicas para o segmento e intervir na definição de estratégias econômicas. Como membro do Conselho de Desenvolvimento Econômico, o Ceabra procura ter voz nos debates sobre os rumos econômicos e sociais do país. (NOGUEIRA, 2013, p.18,19)

A partir daí conseguimos entender o que levou ao que chamamos de afroempreendedorismo, mas qual é a origem etimológica dessa palavra? O termo não aparece no dicionário e não há registros de quem ou onde foi criado. O que é possível saber é que a cada dia ganha mais força entre empreendedores e no mercado. Além de conter esse aspecto do empreendedorismo, também carrega em sua essência uma ideologia, e como proposta, reafirmar a cor e a raiz de um determinado grupo. Outro fator interessante, é que ele serve como canal para gerar discussões sobre assuntos como a inserção social, o racismo e o empoderamento. Se etimologicamente ainda não temos sua origem correta, em contrapartida ganhamos mais uma especificação de empreendedor.

Para que esse debate fique mais claro, um afroempreendedor não é apenas aquele empreendedor que produz e comercializa produtos e serviços de cunho afrodescendente. É claro que essa denominação ganhou mais força devido a empreendedores negros que encontraram em suas raízes uma forma de conseguir renda. No entanto políticas públicas e instituições não governamentais entendem que o negro empreendedor, independente do ramo e com o que trabalha, possui dificuldades de acesso às oportunidades que lhe cabem. Com isso novas propostas surgem para orientar e dar apoio a esses afroempreendedores e fazer com que eles se insiram no mercado com conhecimentos prévios de gestão e administração em negócios.

Um exemplo disso é a lei Programa Afroempreendedor do Distrito Federal, sancionada em 2015 pelo governador Rodrigo Rollemberg, que tem como objetivo “atender as necessidades de formação, inclusão e fomentar o protagonismo de mulheres negras a partir de 18 anos, jovens negros e negras a partir de 18 anos, adolescentes negras e negros de 14 a 17 anos, povos e comunidades tradicionais de matriz africana e afro brasileira, povos e comunidades tradicionais de outras matrizes e população carcerária.”<sup>12</sup>

O instituto Adolpho Bauer também é outro incentivador do avanço dos afroempreendedores no Brasil. Além de ser uma organização não governamental e sem fins lucrativos, objetiva seu foco “no Desenvolvimento Territorial Sustentável e no desenvolvimento de projetos educacionais que visem a melhoria da qualidade de vida e a busca da sustentabilidade humana, social e ambiental.” O instituto é responsável pelo projeto Brasil Afroempreendedor que busca fortalecer micro e pequenas empresas de afroempreendedores com acompanhamento específico do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) com ações de formação e de capacitação e recursos até a maturidade.

Essas iniciativas acontecem porque negros são maioria entre micro e pequenos empresários no Brasil. Entre 2001 e 2011, o número de empreendedores negros passou de 43% para 51%. A participação relativa dos brancos caiu de 56% para 49%. Dados fornecidos pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do IBGE.

De uns anos para cá, a população negra, consideravelmente a mais pobre e desfavorecida do país, teve inserção de mais de 40 milhões de pessoas na classe média na última década, devido a intensa inclusão social que tem ocorrido. Para entender inclusão social, acredito ser pertinente entender exclusão social.

“Atribui-se a origem do conceito de exclusão a René Lenoir, em sua obra de 1974, *Les exclus*. Um français sur dix (Os excluídos: um entre dez franceses). Esta obra chamou a atenção para a exclusão de certas categorias sociais na economia expansiva na França, que se aproximara do pleno emprego.[...]Certos fenômenos, tais como, a urbanização, a mobilidade profissional, a inadaptação ao sistema

---

<sup>12</sup> Informações disponíveis em <http://brasilia.df.gov.br/sedestmidh-convoca-reuniao-sobre-afroempreendedorismo/> acesso em 20 de outubro de 2017, às 17:51.



escolar, a desigualdade de acesso à renda e aos serviços públicos, geravam situações que requeriam soluções. Evidenciava-se, então, a necessidade de intervenção a partir de outros elementos para lidar com a pobreza e outras formas de exclusão, que extrapolavam àquela relativa ao mercado de trabalho e ao acesso aos recursos materiais.” (TEIXEIRA, p.2)

Essa inclusão social é proveniente de ações afirmativas como o bolsa família, programa de transferência de renda do Governo Federal, medida tomada no governo Lula, que a mais de 13 anos combate a fome no país e que favorece mais de 14 milhões de famílias o ano inteiro.

“Estudo recente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) concluiu que esses programas de transferência de renda do Governo Federal são bem focalizados: 74% da renda do BPC e 80% da renda do Programa Bolsa Família vão para famílias abaixo da linha de pobreza, isto é, as que possuem renda mensal per capita de até 1/2 salário mínimo.” (CIDADANIA e inclusão social, 2007, p.2)

Tais medidas protetivas nos instiga a pensar a real importância e o motivo que levou o governo Brasileiro a tomar tamanha iniciativa. Sobretudo o debate em torno dessas medidas e o conjunto de somatórios que empreendedorismo favorece a sociedade negra, justifica nossa discussão. Porém, ainda há algo que precisa ser analisado para que seja-nos permitido fazer a pergunta: o que faz da maioria dos negros serem empreendedores com tão pouco?

## **NEGROS E AS QUESTÕES HISTÓRICAS**

Este capítulo irá tratar da trajetória do homem negro, na maior parte sem distinção de gênero, na época da escravidão no Brasil e pós abolicionismo. Trarei alguns fatos históricos e atuais para possibilitar a análise do quadro atual da população negra brasileira.

A história da sociedade negra no Brasil é um emaranhado de ações e consequências, sobretudo pelos diversos desdobramentos que a política e o meio social sofreram no decorrer dos anos. A partir disso, busquei desbravar a vida dessa sociedade, desde o Brasil-Colônia até aqui, o que me levou a fazer um

mapeamento de informações para construir meu entendimento acerca desse grupo.

Uma breve reflexão sobre raça, que já existe a algum tempo, é importante para desmistificar seu parentesco com o debate sobre cor. O que é raça? existem dois pontos de vista para definir raça, se for analisado pela sociologia teremos uma definição e conceituação, sendo diferente se analisada pela ótica da biologia. Nas ciências biológicas podemos encontrar diversas categorias e espécies no reino animal e vegetal, logo, pensou-se que nós seres humanos pudéssemos também ser especificados nesta cadeia.

“A biologia e antropologia física criaram a ideia de raças humanas, ou seja, a ideia de que a espécie humana poderia ser dividida em sub espécies, tal como o mundo animal, e de que tal divisão estaria associada ao desenvolvimento diferencial de valores morais, de dotes psíquicos, e intelectuais entre os seres humanos.” (PINHO, SANSONE, p. 64)

Essa definição biológica, de caráter nativo, se choca com as vertentes da sociologia, pois nessa outra ciência, raça, entra como algo que criamos, indiferente das circunstâncias genéticas. Marx (1974) e Durkheim (1970)<sup>13</sup> engessaram o conceito de raça em virtude de um possível entendimento de que o social e o cultural são responsáveis diretos por existir “raça”, em outras palavras, grupos humanos.

“É a ideia de que a vida humana, a sociedade política, etc, não são determinadas, de uma maneira forte, por nada além da própria vida social. Quem não se lembra de Durkheim repetindo: “um fato social só pode ser explicado por outro fato social”? [...] Podemos pensar em cultura material e simbólica, e essa idéia de cultura simbólica é muito importante para nós que trabalhamos com “raça”.” (PINHO, SANSONE, p. 64)

Essa discussão dá margem para que haja uma diferenciação de indivíduos, um para com os outros, no que tange o intelecto, o físico e até mesmo o meio.

---

<sup>13</sup> Informações fornecidas por Osmundo Pinho e Livio Sansone, no livro **Raças: novas perspectivas antropológicas**. 2008, p. 64.

Neste meu discurso não tomo partido de nenhuma das definições de raça, pois o preconceito tem forte ligação com essas diferenças que alimentamos. Preconceito esse que tem a incubência de excluir, denegrir e discriminar.

Supõe, portanto, que um sujeito/indivíduo portador de pre-conceito deve inevitavelmente poder causar algum prejuízo ao sujeito vítima do dito preconceito, considerando que há um prévio julgamento. Para outros autores, não se trata de julgamento em relação ao outro, mas de conhecer o outro. (BANDEIRA, BATISTA, 2002, p. 126)

Por sermos indivíduos possuidores de cultura, outros costumes, desconhecidos aos nossos, podem causar estranhamento. Parte daí mais uma vez o aspecto de raça, que carrega levemente o preconceito. Julgar uma pessoa pela cor de pele, pelo estilo de vida, pelo credo, propaga intolerância e descontentamento com o diferente.

“O que chamamos modernamente de racismo não existiria sem essa idéia que divide os seres humanos em raças, em subespécies, cada qual com suas qualidades. Foi ela que possibilitou a hierarquia entre as sociedades e populações humanas fundamentadas em doutrinas complexas. Essas doutrinas sobreviveram à criação das ciências sociais, das ciências das culturas e dos significados, respaldando posturas políticas insanas, de efeitos desastrosos, como genocídios e holocaustos.” (PINHO, SANSONE, 2008, p. 64,65)

Tendo isso em mente, conseguimos adentrar uns dos porquês de negros terem sido escravizados durante anos pelos Portugueses, que foram os colonizadores do Brasil em 1500. No auge da pedância do homem branco, no século XVI, o poder era medido pela economia, religião e cor de pele. Esse último era suficiente para inferiorizar a população africana, até o cérebro e as capacidades intelectuais do homem negro foram questionadas.

Sem mão de obra para explorar os recursos naturais do Brasil, imigrantes africanos trazidos como escravos, foram pilares da dinamização do trabalho por 4 séculos. Isso quer dizer que descendentes da população afro brasileira ajudaram a construir o nosso país, além disso contribuiu fortemente para a cultura local, como

veremos mais à frente. Com foco na exploração e a massiva mão de obra negra chegando da África, deu-se início a uma nova população no país.

O negro nessa fase é o grande povoador, aquele que chega em ondas sucessivas para preencher o vastos espaços geográficos. Enquanto o reino vinha para a aventura da colonização, pensando em um breve regresso, deixando, muitas vezes, a família em Portugal, o negro africano sabia que sua viagem era definitiva e que as possibilidades de voltar não existiam. (MOURA, 1992, p. 8)

O auge da escravidão coincide com o auge da exportação de açúcar para o mercado internacional, no que justifica a larga exportação de negros, principalmente para a região do nordeste onde se concentrava as capitanias portuguesas. É lógico que esse processo de povoamento não foi nas melhores condições e que ocorreu contra a vontade dos negros imigrantes daquela época. Esse momento foi um período de muito sofrimento para a população negra, pois não havia tratamento humano para essa classe, “a jornada de trabalho era de quatorze a dezesseis horas, sob a fiscalização do feitos, que não admitia pausa e nem distrações.” (MOURA, p. 20). Essa exploração tornava-se pior quando algum escravo, que demonstrava sinal de preguiça ou cansaço, era motivo para ser friamente castigado. Eram torturas inimagináveis, as quais nem animais eram submetidos a essas punições. Para compreensão dos fatos, segue abaixo uma tabela feita pelo professor e jornalista Clóvis Moura em seu ensaio “História do Negro Brasileiro, 1992” sobre diferentes punições a escravos na época:

<b>Instrumentos de captura e contenção</b>	correntes, gonilha ou golilha, gargalheira, tronco, vira-mundo, algemas, machos, cepo, correntes e peia.
<b>Instrumentos de suplício</b>	máscaras, anjinho, bacalhau, palmatória.
<b>Instrumentos de aviltamento</b>	gonilha, libambo, ferro para marcar, placas de ferro com inscrições infamantes.

**Figura 2.2** Principais instrumentos de tortura, aviltamento ou disciplina de trabalho escravo. (MOURA, 1992, p. 17)

Atos de crueldade extrema, submetia seres humanos a danos morais e físicos sem o menor consentimento ou vergonha do sistema. O mais intrigante é que toda essa violência não tinha origem significativa. Não era um acerto de contas ou uma disputa por território, era invasão desonerada, que posicionava forçadamente indivíduos em um patamar desleal e inconsistente.

A cultura da população negra é vista até hoje no Brasil do século XXI, que ajudou a moldar nossos gostos, costumes e até mesmo nossa fala. Na época da escravidão, em todas as áreas de trabalho, os africanos incorporaram seu modo de vida, “a sua religião, indumentária, cozinha, música, sistemas de regadio e plantação, e outras manifestações sociais” (MOURA, 1992, p. 33).

Vale ressaltar que africanos eram vistos como primitivos, assim mesmo como os índios que aqui residiam antes da colonização. Isso quer dizer que negros eram atrasados no seu modo de vida em comparação com a vida e aos costumes do homem branco da época, um paradigma dos estudiosos do Evolucionismo Cultural<sup>14</sup>.

Os hábitos nativos desses africanos eram realizados “dentro” do espaço de indivíduo dominado, na senzala, nos engenhos etc, ou seja, essas manifestações não se misturavam aos costumes culturais da classe dominadora, na ocasião, o homem branco.

Como exemplo dessa estrutura opressora da época, a religião tinha grande protagonismo quando o assunto era discriminação e intolerância. É claro que os negros não tinham liberdade de cultuar seus deuses, logo, o mesmo era feito escondido.

“A principal religião do Brasil, desde o século XVI, tem sido o catolicismo apostólico romano. Ela foi introduzida por missionários jesuítas que acompanharam os exploradores e colonizadores

---

<sup>14</sup> “Outra idéia fundamental do evolucionismo cultural era a de “sobrevivências”, definidas por Tylor como “processos, costumes, opiniões, e assim por diante, que, por força do hábito, continuaram a existir num novo estágio de sociedade diferente [...] e então permanecem como provas e exemplos de uma condição mais antiga de cultura que evoluiu em uma mais recente”. (CASTRO, Celso. **Evolucionismo Cultural**. Ed. Jorge Zahar, 2005, p.32)

portugueses nas terras do país recém descoberto.” (CASTRO, 2014, p.9)

O catolicismo tem origem no cristianismo, que nada mais é que religião da fé em Jesus Cristo. As religiões de matrizes africanas eram vistas como falsa, imoral e perigosa. Essas características advém do fato de que o transcendental só era possível a partir do catolicismo, logo se achava que adorar outros deuses e entidades era uma afronta e uma manifestação contra o sistema escravocrata.

Partindo desse pressuposto que até hoje percebemos traços dessas retaliações por parte dos indivíduos e de outras religiões. A intolerância religiosa fere o direito de ir e vir do cidadão e de Estado laico<sup>15</sup>, de acordo com a constituição Brasileira atual.

O site da BBC Brasil, emissora de TV de notícias do Brasil e do mundo, criada em 1938, apontou alguns dados sobre intolerância religiosa e os mais afetados nesse contexto.

“Os dados do Disque 100, criado pela Secretaria Nacional de Direitos Humanos, apontam 697 casos de intolerância religiosa entre 2011 e dezembro de 2015, a maioria registrada nos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. No Estado do Rio, o Centro de Promoção da Liberdade Religiosa e Direitos Humanos (Ceplir), criado em 2012, registrou 1.014 casos entre julho de 2012 e agosto de 2015, sendo 71% contra adeptos de religiões de matrizes africanas, 7,7% contra evangélicos, 3,8% contra católicos, 3,8% contra judeus e sem religião e 3,8% de ataques contra a liberdade religiosa de forma geral.” (BBC Brasil, acesso em 2 de outubro de 2017, às 16h32).

Esses dados também são resquícios da catequização na época, que nada mais é do que instruir um indivíduo a uma doutrina e religião, o rito de iniciação cristã. “O Brasil é considerado o maior país do mundo em número de católicos nominais, com 64,6% da população brasileira declarando-se católica, de acordo com o censo do IBGE de 2010.” (CASTRO, 2014, p.9)

Tanta violência e aversão à negros na época, não os intimidou, que de tudo faziam para viverem livres das amarras do sistema. Surgiram então os quilombos,

---

<sup>15</sup> Ao que se refere a um Estado laico, no artigo 5º da Constituição Brasileira (1988) no inciso VI - “é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias.

que eram comunidades de escravos fugidos dos engenhos e fazendas. Alí eles se articulavam para se manterem longe da escravidão, “estabelecia uma fronteira social, cultural e militar contra o sistema que oprimia o escravo”. (MOURA, 1992, p. 23). A partir desses quilombos que as manifestações e o ativismo da população negra começou a surgir.

“A quilombagem era um movimento emancipacionista, que antecede, em muito, o movimento liberal abolicionista; ela tem caráter mais radical, sem nenhum elemento de mediação entre a classe senhorial”. (MOURA, 1992, p. 22)

As provocações de fato só vieram surtir efeito quando em 13 de maio de 1888, princesa Isabel assinou um termo que abolia a escravidão no Brasil, através da Lei Áurea, que garantia a liberdade para milhares de escravos. O abolicionismo de longe era uma luta a favor dos negros, ou por assim dizer, a favor da vida e dignidade da pessoa negra. A grande questão é que esse sistema de trabalho, como qualquer outro, começou a se mostrar menos eficiente ao decorrer dos anos, sem contar no atraso social e econômico que o Brasil passava em relação às demais potências.

“Esta condição – da escravidão ser uma relação de trabalho obsoleta – acentuou a necessidade de sua superação, tanto no plano econômico quanto no social e político. A Abolição não era apenas uma demanda por maior justiça social, mas uma necessidade premente da inserção do Brasil na economia mundial, que já abandonara em favor do trabalho assalariado, mais barato e eficiente.”(MARINGONI, 2011, p.20)

Negros começaram a adquirir sua carta de alforria, uma condição que os possibilitavam viverem livres, sem dívidas com o estado ou com o senhorio. Porém, muitas outras barreiras viriam após essa. Com a liberdade, muitos foram jogados na rua somente com a roupa do corpo, sem nenhuma instrução ou perspectiva de vida.

“A desagregação do regime escravocrata e senhorial se operou, no Brasil, sem que se cercasse a destituição dos antigos agentes de

trabalho escravo de assistência e garantias que os protegessem na transição para o sistema de trabalho livre. Os senhores foram eximidos da responsabilidade pela manutenção e segurança dos libertos, sem que o Estado, a Igreja ou qualquer outra instituição assumisse encargos especiais, que tivessem por objeto prepará-los para o novo regime de organização da vida e do trabalho. (...) Essas facetas da situação (...) imprimiram à Abolição o caráter de uma espoliação extrema e cruel.” (FERNANDES, 2008, p. 136)

É interessante dobrarmos nossa atenção para esse trecho, por que nos traz a memória a situação vivida por muitos negros hoje em dia, e o que anos de sofrimento resultaram para essa classe. Em 2004, 73,2% dos mais pobres eram negros, patamar que aumentou para 76% em 2014, segundo o IBGE (2015). Ainda existe um “rastros” das graves consequências a uma classe que outrora era escravizada. O privilégio social e econômico a determinado grupo, em função da cor, da raça e da religião, é ocupado majoritariamente por homens brancos. Falarei sobre isso mais tarde.

Com o fim da escravidão e o surgimento do trabalho assalariado, negros pela primeira vez se vêem dentro de um sistema que o dignifica como cidadão. Nesse contexto, o negro não é “mais visto” como uma categoria racial, pois é “diluído na massa de agentes do trabalho assalariado.”<sup>16</sup>

## **PÓS ESCRAVIDÃO E O NEGRO BRASILEIRO**

Com mais negros livres e assalariados não significou que a qualidade de vida acompanhou essa nova era. Os trabalhos pagavam mal, eram quase obrigados a trabalharem por comida, pois como já foi dito acima, a população negra não recebeu nenhum incentivo de inserção na sociedade. Com um atraso de mais de 2 séculos, esse grupo se vê caminhando a passos lentos. A elite branca brasileira já tinha em sua própria sociedade os elementos necessários para forjar sua ideologia racial. Tinha aprendido desde o período colonial a ver os negros como inferiores. Tinha também aprendido abrir exceções para alguns indivíduos negros ou mulatos. (COSTA, 1998, p.28).

---

<sup>16</sup> FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes: No limiar de uma nova era.** São Paulo: Globo, 2008, p.138.



Oposições e atos que violaram negros e pobres eram frequentes, um exemplo foi a Revolta da Vacina<sup>17</sup> e a Reforma Urbana que aconteceram no Rio de Janeiro em 1904. A revolta se deu por meio de uma epidemia da doença varíola que assolou a cidade, mas como a falta de informação e instrução era enorme naquela época, a população se recusou a tomar a vacina por medo dos seus efeitos. Isso gerou mais raiva na elite. Por fim, essa revolta só ajudou a impulsionar um projeto que o governo tomava partido: a reforma urbana.

A reforma consistia em expulsar pobres e negros dos centros urbanos e dos portos. O objetivo era “embelezar” e embranquecer as ruas e as entradas da cidade para turistas e para a elite. Com isso, famílias de renda baixa foram procurar moradia no pé dos morros, motivados a ficarem mais próximos de seus trabalhos.

Hoje, por exemplo, percebemos um grande contingente de favelas no Rio de Janeiro e muitas outras Brasil adentro.

<b>Percentual de residências que se encontravam em favelas ou semelhantes (Rio de Janeiro)</b>	
<b>1993</b>	<b>2007</b>
3,2%	3,6%

**Figura 2.3** pesquisa Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça por habitação. Ipea (2008)

Esses 3,6% representam hoje um universo de 2 milhões de domicílios, ou pelo menos 8 milhões de pessoas. E qual é a cor da maioria dessas pessoas que vivem nas favelas? Claro, preta.

<sup>17</sup> **1904 Revolta da Vacina A maior batalha do Rio.** Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.– A Secretaria, 2006.

<b>Percentual de residências que se encontravam em favelas ou semelhantes no Rio de Janeiro (2007)</b>		
	<b>Branco</b>	<b>Preto</b>
Considerando a distribuição de acordo com o chefe da família (homens)	21,3%	40,1%
Considerando a distribuição de acordo com o chefe da família (mulheres)	11,7%	26%
Domicílios excessivamente habitados	3%	7%

**Figura 2.4** pesquisa Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça por habitação. Ipea (2008)

## **RESPONSABILIDADE PARTILHADA**

Esse apanhado histórico serviu para visualizarmos o quão catastrófico o ser humano pode ser, socialmente dizendo, num sistema que privilegia somente alguns. O descaso e a má qualidade de vida trouxeram riscos para todos. A pobreza e a irresponsabilidade social são motivadoras de assaltos, furtos, latrocínios e indignação. É impossível ignorarmos o próximo quando todos nós vivemos dentro de um mesmo país, a metros de distância. É importante que tudo isso fique documentado em nossas mentes para que seja cabido a nós toda a responsabilidade dessa marginalização de pobres, majoritariamente identificados como pretos. Sim, a pobreza vai além das questões sociais. Essa disparidade significativa entre negros e brancos ecoa como desafio para a sociedade como um todo. Entender porque a diferença dessas rendas é desproporcional, é o primeiro passo. Isso vai além do individual, do mérito.

A pobreza tem cor, qualquer brasileiro minimamente informado foi exposto a essa afirmação, mas não é conveniente considerá-la. Assim o jargão repetitivo é que o problema limita-se à classe social. Com certeza este dado é importante, mas não é só isso. (RACISMO INSTITUCIONAL. Fóruns de debate educação e saúde, p.7)

O serviço público ainda é o principal apoio que o Estado pode custear aos mais pobres. “Público” vem do latim, que significa “lugar público”, ou seja o que é relativo ou pertencente ao povo. Surgiu ainda na época da colonização, com a coroa portuguesa, quando percebeu a necessidade de noções administrativas nas atividades imperiais.

“As primeiras administrações públicas da história nascem quando os imperadores constituem, sob a sua imediata direção, corpos de funcionários permanentes, pagos pelo tesouro público, para cobrar impostos, executar obras públicas e assegurar a defesa contra o inimigo externo” (AMARAL, 1998, p. 52)

“O Estado seria titular de poderes dentro de uma sociedade organizada para atingir o ideal da solidariedade social. E isso se faria por meio de serviços públicos, que seriam uma necessidade histórica, um dado objetivo da realidade.” (CORRÊA, 2012, p.41)

Durantes esses anos percebemos algumas medidas tomadas pelo Estado, juntamente com a comunidade negra, em luta pelo combate da desigualdade de cor. Uma dessas medidas foi as cotas raciais nas Universidades públicas, que tem o intuito de motivar o ingresso de estudantes negros no ensino superior, numa disputa igualitária. Essas reformas emergenciais são fruto da concentração de poder e de uma democracia seletiva. “Não pode ser chamada de uma democracia, pois a democracia é para poucos. O bom cidadão não é o que se sente livre e igual, é o que se encaixa na hierarquia que lhe é prescrita.” (CARVALHO, 1988, p. 307)

## **EMPREENDER PARA RESISTIR**

Nos espaços de trabalho podemos fazer um recorte dos cargos mais ocupados por negros, e essa situação é um respaldo significativo para a cotas

raciais que falei mais acima. O que acontece é a falta de representatividade e de homogeneidade de cor nos ambientes de trabalho, claro, quando diz respeito a cargos de prestígio social.<sup>18</sup>

“Parece evidente que o envolvimento da “população de cor” no sistema ocupacional das cidades obedecem a tendências heterogêneas. Uma parcela aparentemente pequena dessa população está inserida numa teia de ocupações e segundo posições típicas da estrutura ocupacional do sistema de classes. Outra parcela, maior, permanece presa a ocupações e segundo posições típicas da situação pré-industrial e pré-capitalista.” (FERNANDES, 2008, p. 145.)

Esse sistema de classes surgiu na idade contemporânea com o fortalecimento do capitalismo industrial, ou seja, normalmente tem-se a idéia de que a sociedade pode ser dividida em 3 níveis de classe: alta, média e baixa. Essa medição está relacionada ao poder aquisitivo, ao acesso à renda, à posição social, ao nível de escolaridade e ao padrão de vida. Logo, o que se vê é o aumento de negros na classe média/baixa, pois “os brancos eram 26,5% dos mais pobres em 2004 e sua participação nessa fatia da população caiu para 22,8% em 2014”. Porém, “em 2004, 73,2% dos mais pobres eram negros, patamar que aumentou para 76% em 2014”, segundo dados fornecidos pelo IBGE (2015).

Apresentar esse desfalque não é apenas reforçar a desigualdade social e econômica, mas perceber que o racismo também habita nessa situação. Mais uma vez o ambiente de trabalho é um dos principais indicativos de desprestígio dos negros, quando confrontado com a posição da sua profissão.

“Estereótipos e preconceitos raciais continuariam atuantes na sociedade brasileira [...] intervindo no processo de competição social

---

<sup>18</sup> “A pesquisa o “Perfil Social, Racial e de Gênero das 500 Maiores Empresas do Brasil e Suas Ações Afirmativas”, realizada pelo Instituto Ethos em 2010, revela que quanto maior é o nível hierárquico dentro da empresa, menor é a participação da população negra. Nos quadros funcionais e de chefias intermediárias, os negros ocupam, respectivamente, 31,1% e 25,6% dos cargos, enquanto nos cargos de gerência são 13,2% e de executivos, 5,3%. Considerando o recorte de gênero, a situação da mulher negra é ainda pior: ela fica com 9,3% dos cargos funcionais e de 0,5% em cargos executivos. Em números absolutos, significa que, de 119 executivas, apenas seis são mulheres negras.” (RIBEIRO, Matilde. **Desenvolvimento e Empreendedorismo Afro-brasileiro**. São Paulo: Atilênde, 2013, p.309)

e de acesso às oportunidades, assim como influenciando no processo de mobilidade intergeracional, restringindo o lugar social dos negros” (JACOB, 2008, p. 52)

Essa parcela da população segue ganhando menos que brancos, como observamos na tabela abaixo. Aproveito também para salientar a diferença entre gêneros:

<b>Brasil: Renda média da população, segundo sexo e cor/raça, 2009. (Valores em Reais)</b>				
<b>Ano</b>	<b>Homens brancos</b>	<b>Homens negros</b>	<b>Mulheres</b>	<b>Mulheres negras</b>
2003	931,10	428,30	554,60	279,70
2009	1491,00	833,50	957,00	544,40

**Figura 2.5** Dados fornecidos pelo Ipea (2011).

Sendo assim, muitos buscam outros caminhos para o complemento de renda, aceitação e satisfação pessoal. Aplicar os conhecimentos de forma plena, inserir seu tempo e força de trabalho em algo que lhe der prazer, que o dignifique, e seja motivo de prestígio, desembocam então no empreendedorismo.

“De maneira geral, a população negra tem como alternativa (às vezes como única saída) o empreendedorismo como possibilidade de obtenção de renda e de vinculação com o mundo do trabalho. Contudo, os indicadores do mercado de trabalho, bem como o contexto social, econômico e político do Brasil no que tange às relações raciais, revelam que o empreendedorismo para a população negra surge e se mantém a partir das necessidades cotidianas, tendo em vista o racismo institucional (também chamado de racismo sistêmico)<sup>7</sup> muito presente no mundo do trabalho.” (RIBEIRO, 2013, p. 314)

Mas claro, muito antes de ser empreendedorismo, ainda na época da escravidão, muitos negros trabalhavam como comerciantes, ambulantes, etc, esses eram chamados de escravos de ganho. Desenvolveu-se a cultura do empreendedorismo, que nada mais é do que a “predisposição em assumir riscos

em condições de incerteza associada à capacidade de inovar” (RIBEIRO, 2013, p.312) que vem desde o trabalho forçado até depois da abolição, tendo que trabalhar muito e ganhar pouco.

Pode-se dizer que os escravos de ganho (quitandeiros, vendedores ambulantes, barbeiros, operários, carregadores, remadores, marinheiros etc.), que desenvolviam atividades com remuneração monetária, eram praticamente os únicos que tinham condições de comprar a sua alforria, indenizando monetariamente aos senhores. (SOARES, 2007, p. 282)

A partir de então, torna possível a compreensão de que salve as peculiaridades e a concentração do poder, o empreendedorismo surge como refúgio para a sociedade negra e uma maneira de sair das condições precárias. Essa bagagem de conhecimentos, na maioria empíricos, deu-lhes abertura para se inclinarem no ramo dos negócios, prometendo às gerações futuras, através do empreendedorismo, prosperidade e longevidade.

## **VENCENDO OBSTÁCULOS E GANHANDO A VIDA COM O AFROEMPREENDEDORISMO**

Falar sobre a vida e as experiências desses entrevistados é como falar de vários negros da nossa sociedade. São vozes que por muitos anos ficaram contidas ou foram oprimidas. Os negros por muitos anos passaram omissos a diversos assuntos e debates que giram entorno de nossa sociedade. Muitos usaram suas experiências de vida, suas frustrações, seus receios e outros instrumentos de infortúnio para passar por cima de um legado que há anos carregamos por conta da cor e do passado. Porém nem sempre são histórias que necessariamente passaram pelo racismo velado ou não que vou tratar. Todos são

negros, mas com oportunidades e privilégios diferentes. Visões de vida e de experiência que se cruzam no fim pela identidade negra.

Marta, Cristine, João, Layla e Matheus são nomes que ficarão eternizados nesse trabalho. São indivíduos que possuem trabalhos lindos na sociedade e que lutam para que sejam reconhecidos por eles. Todos possuem uma história de vida a qual os levou até o caminho do empreendedorismo. Foram processos decisivos ou até mesmo necessários para que pudessem adquirir maturidade para começar e tomar frente de um negócio.

A começar por Marta, que desde nova começou a adentrar no mundo do empreendedorismo. Seu primeiro negócio foi um brechó de roupas, juntamente com sua irmã mais velha, onde ali mesmo despertou seu interesse pelas artes. Marta, no auge dos seus 23 anos, entrou para o grupo de teatro Celeiro das Antas, onde os figurinos de suas apresentações vinham todos do brechó dela com a irmã. Ao decorrer dos anos ela se vê inserida no mundo cultural, onde construiu carreira. Marta só tem o ensino médio, mas isso não a impediu de subir na vida e ganhar status pelo seu trabalho. Dona do Satélite 061, um festival de música alternativa e negra, reconhecido até fora do país, aprendeu a trabalhar com produção cultural por experiência da vida e esforços pessoais.

Eu sempre trabalhei com grandes eventos, então esse "know how" vem daí, não de eventos meus, mas eventos de outros clientes. Não é muito difícil você entender esses meandros, acho que deve haver afinidade pela aquilo, ler.. porque são processos muito burocráticos, então por exemplo, se tiver 5 editais você terá que escrever um projeto diferente para cada um. (Marta Carvalho)

Adquirindo experiência com eventos, Marta começou a produzir festivais para amigos e clientes. Só que isso começou a lhe incomodar ao perceber que muitos desses festivais não a representavam.

Durante muito tempo, dentro das vertentes que eu queria trabalhar, eu nunca tive espaço para essa discussão. Era sempre para terceiros. Quando eu percebi que eu estava participando mais nos projetos dos outros e estando em outro lugar de fala, foi quando eu fui para São Paulo fazer uma pesquisa, fiquei uma semana

pesquisando no evento da virada cultural de São paulo, conheci pessoas lá que me ajudaram a criar o satélite 061. O Satélite me dava espaço para discutir diversas situações que me incomodavam, tanto nos projetos que eu trabalhava quanto no meu dia a dia. (Marta Carvalho)

Essa situação muito se assemelha com a de João Paulo. Já na sua segunda graduação, despertou nele pautas que tratassem de temas que não só o incomodavam, mas também com situações em que ele viu e vivenciou durante muito tempo da sua vida.

O empreendedorismo social veio como uma solução para os nossos anseios. A gente não queria só lucrar, porque desde a nossa formação a gente está ali envolvidos em projetos sociais. O empreendedorismo surge para juntar os dois mundos. A gente poder trabalhar para nós mesmos, trabalhar com o que a gente gosta, mas também atender uma necessidade social daquele ambiente que a gente enxergava estar. (João Paulo)

João Paulo vem de uma família que também começou a empreender cedo. Primeiramente esse empreendedorismo paterno veio a partir da necessidade de garantir o sustento da família. Seus pais não tinham uma formação adequada para concorrer em par de igualdade no mercado de trabalho, então a primeira alternativa foi abrir o próprio negócio.

Vim de uma família em que meus pais só foram terminar o ensino médio depois de adultos, então isso dificultava eles conseguirem emprego. Uma alternativa foi começar a empreender. Meu pai teve locadora, padaria, minha mãe abriu creche, escola, e tudo mais. Então ali eu tive contato com o empreendedorismo. (João Paulo)

As dificuldades impactaram a vida de João, mas de uma maneira positiva. Junto com mais dois amigos eles fundaram a Biricutico, um movimento que tem como objetivo principal levar conhecimento para as periferias, onde sempre morou.



A intenção é levar o conhecimento para desenvolver o pensar das pessoas, não só aprender o básico para ser um funcionário, mas que você consiga empreender, ter seu próprio negócio, ou até mesmo ser um funcionário mas não qualquer funcionário. A atividade de pensar é o objetivo da Biricutico. A nossa intenção é que a Biricutico, apesar de ter nós três, no sentido de organização, é que seja uma autogestão da sociedade. A gente tá ali mais como uma ferramenta do que pessoas fazendo algo. (João Paulo)

Ser ferramenta. Talvez seja uma das palavras que também complementa esses 5 afroempreendedores. Interessante que ao decorrer dessas entrevistas, que foram feitas individualmente, os relatos em algum momento se afunilavam, se tocavam de alguma maneira. Seja por possuírem o mesmo conhecimento em gestão de negócios, seja pelas dificuldades, oportunidades, experiências, ou até mesmo onde a cor da pele foi decisiva em algum momento. Ao analisar os relatos e realizar essa identificação de um entrevistado a outro, crio esse pensamento de unidade. Esse entendimento de que eu posso transformar as minhas experiências, sejam boas ou ruins, em ferramenta de mudança social.

Layla entende bem dessa questão. Negra e periférica, viu sua infância sendo pouco representada. Seja na TV, nos jornais, nas revistas, ou até mesmo nas escolas, onde somos educados e preparados para a fase adulta. Hoje, com 23 anos, ela entende e aceita sua história, sua cor, seu cabelo, mas nem sempre foi assim. Nesse processo de aceitação foi quando ela descobriu sua vocação para a trança afro e estética capilar. "Quando eu comecei a me interessar a trançar cabelo foi quando eu estava no processo de deixar o meu cabelo natural, quando eu não quis mais alisar o meu cabelo", relata. Ela ainda lembra as dificuldades que eram para a sua família em custear sua transição do cabelo liso para o natural, com a ajuda das tranças.

Eu fui fazer uma trança raiz no Venâncio 2000 e eu lembro que era 25 reais. As manutenções deveriam ser feitas mensalmente, mas naquela época para a minha família 25 reais era grana demais. E aí eu comecei a me interessar, procurei videos no youtube, mas naquela época não tinha nada muito didático, não dava para aprender direito. Aí eu comecei a treinar na minha mãe, mas não dava certo de jeito nenhum. Até um amigo deixou o cabelo dele crescer para testar nele, mas não ficava perfeito como uma trança.

Nesse processo eu fui treinando, até que peguei o “fim da meada”.  
(Layla Moreno)

Ela conta ainda como os espaços que ela frequentava a ajudaram, a não só conseguir seu primeiro trabalho como trancheira, mas como as influências e referências do seu convívio social lhe apoiaram.

Frequentava muito o Conic e comecei a trançar os cabelos de umas amigas, lá no pátio mesmo. Passava a tarde inteira lá. Até que uma dona de um salão, com o salão super cheio devido as festas de fim de ano, viu que eu sabia fazer trança, me convidou pra trabalhar no salão dela, aí eu disse, “olha, eu não tranço muito bem, tudo que eu sei eu aprendi sozinha”, aí ela, “não tem problema, a gente te ensina”. (Layla Moreno)

Apoio é algo que motiva quem quer empreender. No caso da Layla, ela ainda não pensava em ter seu próprio negócio, mas seu primeiro trabalho foi um suporte que mais tarde ela precisaria para montar a Afroitinerante. No caso do Matheus, de 23 anos, está recebendo apoio fundamental para quem quer ter um negócio e não sabe como e por onde começar, sem contar no suporte necessário que está tendo em administração de negócios.

Estou pegando consultoria no Sebrae. Lá eles pediram para eu escrever o projeto no papel e mandar para eles. Com isso eles conseguiram me encaminhar para as áreas que pudessem me ajudar e me educar para ser um micro empreendedor. Lá eu quero pegar consultoria também com nutricionistas e montar uma grade de refeição vegana. (Matheus Nobre)

A empresa do Matheus se chama Comidinhas do Nobre, uma empresa que produz e comercializa comidas veganas. Assim como João, Matheus também teve seu primeiro contato com o empreendedorismo através da família, na infância e adolescência, influenciado principalmente no ramo alimentício. "A minha vó tinha

restaurante, minha tia tinha padaria, várias pessoas da minha família tinham um negócio, então a partir daí eu comecei a ver como funcionava fluxo de caixa, contratação de funcionários etc." Relata. Matheus também só possui o ensino médio e nunca fez curso em gastronomia ou manipulação de alimentos. Assim como Layla ele usou a internet como fonte de aprendizado e um recurso a seu favor.

Matheus não deixa para menos quanto a elitização<sup>19</sup> da alimentação. Ele entende que alguns alimentos podem ter seu valor elevado pela forma em que são cultivados, importados ou consumidos, mas nem sempre isso irá se aplicar ao modo e ao valor que damos a comida.

O meu intuito de estar trabalhando nessa área vegana é justamente porque eu tomei gosto do veganismo e porque eu quero quebrar esse tabu de que o veganismo é elitista. Eu quero mostrar que você não precisa ser rico para ser vegano, assim eu quero oferecer esse produto a preço justo. Pô mano, eu vim do Riacho Fundo, não sou "playba", mas quero ser e sou vegano. (Matheus Nobre)

Nossas vidas e referências podem estar cheias de estereótipos<sup>20</sup>, os quais reforçam inevitavelmente algum estado ou opinião a respeito de algo ou alguém. Ou seja, até na comida ou na alimentação propriamente dita, podem conter certos padrões de classes sociais. Culturalmente algum desses estilos de vida possuem alguma procedência que os tornaram singulares para algum tipo de grupo, seja pela economia, crença, status ou religião.

Cristine, de 25 anos e que cursa atualmente arquitetura, também é uma empreendedora que busca quebrar os estereótipos em suas bonecas. Ela disse em entrevista que não queria que suas bonecas parecessem com a "nega maluca", personagem caricato muito presente nos teatros e fantasias de carnaval. Ela diz

---

<sup>19</sup> Tornar um produto ou serviço acessível apenas para a elite: querem elitizar o futebol brasileiro. Elevar ao nível cultural ou de exigência da elite: o prefeito quer elitizar os parques da cidade. Disponível em <<https://www.dicio.com.br/elitizar/>> acesso em 6 de novembro de 2017, às 15:18.

<sup>20</sup> Comportamento ou discurso caracterizado pela repetição automática de um modelo anterior, anônimo ou impessoal, e desprovidas de originalidade e da adaptação à situação presente. Disponível em <<https://dicionariodoaurelio.com/estereotipo>> acesso em 6 de novembro de 2017, às 15:32.

mais: "a gente humaniza mais as bonecas justamente para não ser uma boneca feia cheia de esteriótipos. É uma boneca preta, no caso, uma boneca qualquer, digamos assim."

A Malika Boneca, foi criada inicialmente pela mãe de Cristine, que é professora e artesã, mas foi através de um questionamento de Cristine a sua mãe que o negócio sofreu uma reviravolta.

Minha mãe é professora e artesã, e produzia bonecas como hobbie. Ela confeccionava bonecas de pano, brancas, com cabelinho de lã e saia rodada. Foi quando eu a questionei do porquê ela não fazer bonecas pretas, para que elas pudessem se parecer com a gente. Até porque eu nunca tive uma boneca preta, muito menos minha mãe. Depois disso é que ela começou a produzir bonecas de tecido preto. (Cristine Mourão)

Assim como Cristine, muitos negros e negras viveram boa fase da vida sem ter algo ou alguém em que se espelhar. Cristine e eu estamos falando de representatividade<sup>21</sup>. Essa falta de representatividade abre espaço para discutirmos como isso afeta o diálogo dentro e fora da nossa sociedade, a começar principalmente pelas nossas crianças. Cristine, que sentiu na pele quando criança a falta de referências e de alguém que lhe representasse, dignamente, como mulher, negra, de uma cultura afro, percebeu a demanda do mercado em busca de brinquedos, especificamente bonecas e bonecos, de pele negra.

Pegamos algumas referências de bonecas mais atuais, e foi quando a gente chegou nesse modelo que temos hoje. Com os olhinhos pintados, uma roupinha mais moderna para as crianças poderem se ver na boneca. Apesar de o nome da empresa remeter ao feminino, a gente também faz bonecos pretos, porque o menino também não tem boneco preto disponível no mercado, então não tem como focar somente em bonecas. (Cristine Mourão)

---

<sup>21</sup> Representatividade "liga-se à idéia daquele que representa politicamente os interesses de um grupo, de uma classe ou de uma nação. Ela se concretiza através da ação, adesão e participação dos representados. Os conceitos de Representatividade, de Legitimidade e de Autonomia trazem um sentido político e ideológico, que, como tal, podem apresentar uma variância contextual, tanto histórica quanto geográfica." Disponível em <<http://www.campinas.sp.gov.br/governo/gestao-e-controle/cursos/anexo-encontro-conselheiros/representatividade-e-legitimidade.pdf>> acesso em 6 de novembro de 2017, às 16:15

Esse relato me faz voltar na história de Marta, que também se viu na obrigação de mudar o foco de seu trabalho a gerar cultura e versatilidade em seu festival.

Então uma missão para o satélite 061 era discutir pautas onde coubesse o meu povo preto, onde coubesse o meu povo lgbtq, onde coubesse o meu povo velho, porque eu sou velha. Criar um espaço comum onde todos esses biotipos, esses grupos, pudessem viver em harmonia e em paz, onde pudessem acessar aquele artista, aquela música, aquela performance, teatro, que normalmente não encontram no mercado. (Marta Carvalho)

Conciliar representatividade e trabalho não são tarefas fáceis. Os relatos dos entrevistados caminham junto nessa questão, lutando para que seu trabalho seja reconhecido por movimentar uma estrutura que outrora restringia os espaços.

Os produtores de grandes eventos e festivais, eu acho, que a última coisa que eles pensam é na música, pelo modelo de negociação que eles fazem com esses artistas e produtoras. O que eles esquecem é que, no meio desse caminho, a minha marca não pode ter valor se eu não estiver valorizando aquilo que o artista agrega ou representa a minha marca. O satélite 061 ele representa a diversidade, então ele tem que retroalimentar aquilo que eu acredito para que ele continue gerando emprego, renda, outros palcos e outras estruturas. (Marta Carvalho)

Quando as pessoas da periferia conseguem se ver ali representadas na biricutico, essa barreira do preconceito ultrapassa, mas quando a gente tá fora da periferia a gente tem que mostrar 200% que somos capazes de sermos levados a sério. (João Paulo)

Eu sempre recebi elogios, nunca tive uma reclamação, pelo contrário, o mercado é muito carente de serviço especializado para estética negra. Como não tem muito serviço nessa área que eu trabalho, acaba que eu tenho que contratar outra pessoa para me ajudar, porque uma faz e gosta e vai contando para outra, e para outra... e assim vai. (Layla Moreno)

Sempre se espantavam muito de conhecer quem estava por trás daquele prato. Isso também se dá porque não há cozinheiros negros

de cozinha vegana em Brasília. Pelo menos eu nunca vi. Eu já trabalhei com vários cozinheiros veganos e todos eram brancos. (Matheus Nobre)

Essa desfalque e exclusão que a falta de representatividade causa, carrega consigo o estigma<sup>22</sup> do preconceito. Preconceito esse vivido por mim e pelos meus entrevistados devido a cor da pele. Os lugares que muitos deles ocupam, por muitas vezes, passam despercebidos ou são deslegitimados, o que compactua mais ainda com o racismo.

Quando eu me apresentava como gerente neste café de nome na cidade, a galera meio que me olhava desconfiado, se perguntando com aquele olhar “você é o gerente? um moleque de 25, negro e gay?”. (Matheus Nobre)

Algumas vezes o racismo surge em forma de interesse capital, ou seja, apropriar-se de pautas que agradam o público em busca de promoção. Instituições e pessoas físicas, que possuem poder, seja monetário, seja midiático, vão precificar até aonde vale, ou não, aderir pautas importantes, que correspondem a uma parcela da sociedade menos representada. Essa inversão de valores<sup>23</sup> vai ditar regras no mercado, que podem ser cruéis para quem vive dia a dia combatendo o racismo institucional. A organização Geledés Instituto da Mulher Negra, em sua obra, Racismo Institucional, aborda o racismo institucional ou sistêmico, de modo em que ele

opera de forma a induzir, manter e condicionar a organização e a ação do Estado, suas instituições e políticas públicas – atuando também nas instituições privadas, produzindo e reproduzindo a hierarquia racial. [...] Dizendo de outro modo, o racismo institucional é um modo de subordinar o direito e a democracia às necessidades do racismo, fazendo com que os primeiros inexistam ou existam de

---

<sup>22</sup> 1. Marca infamante feita com ferrete. 2. Labéu; nota de infâmia.

Disponível em <<https://dicionariodoaurelio.com/estigma>> acesso em 6 de novembro de 2017, às 17:05.

<sup>23</sup> Mudança na ordem dos termos.;Mudança de posição.;Hipérbato. Disponível em <<https://dicionariodoaurelio.com/inversao>> acesso em 9 de novembro de 2017, às 17:08.

forma precária, diante de barreiras interpostas na vivência dos grupos e indivíduos aprisionados pelos esquemas de subordinação deste último. (p. 18)

Deste modo, esse esquema transpassado pelo racismo institucional, me chama atenção para o papel do comunicador organizacional, pois aplica-se a este profissional o dever de gestão e mediação das pautas internas de uma instituição. Nossas habilidades correspondem ao que se espera de medidas preventivas contra o racismo institucional. Alguns dos entrevistados relataram casos de opressão racial dentro de seus trabalhos nas áreas de atuação.

O pior ano para mim está sendo 2017. Onde eu, pós golpe, ouço do patrocinador, que em 2016 patrocinou uma programação maravilhosa, quase que 70% negra, 20% gays e 10% outros, dizer para mim que não vai patrocinar o evento porque eu lido com muitas minorias. E eu tenho plena consciência de que isso foi liberdade que o impeachment deu. Estamos falando de patrocinador privado, mas de 700 mil de recurso 7 mil é de imposto, então quem também está pagando aquele festival somos nós. Então eu tenho que dar de volta ao público o que a sociedade está pagando. Os incentivos que temos no distrito federal é o maior e com mais dinheiro, a distribuição que é desigual. Eu senti na minha pele preta este ano, com o Satélite 061 e com o latinidades, que qualquer projeto com pauta que discuta algum debate que venha contra a política do governo atual são descartados. Depois do golpe, muitos patrocinadores começaram a usar a lei de incentivo, lei Rouanet. [...] 90% dos projetos que foram aprovados este ano são projetos que não necessitam de incentivo e não são projetos que são voltados para a sociedade num todo, mas sim para a classe A. (Marta Carvalho)

É comum vermos relatos de negros que foram expostos por meio do seu intelecto, da sua vestimenta, das suas crenças, dentro do ambiente de trabalho. Isso sobrepõe a relação, formal ou informal, de trabalho, dentro de uma organização, seja da ocupação mais alta até a mais baixa. O desmerecimento das atividades advindas de pessoas negras são reais e por muitas vezes apropriadas por pessoas brancas, por acreditar que o lugar de prestígio tem cor e classe social.

Você pode ter certeza que por trás de cada lugar tem um dedinho negro. Lugares de sucesso. Há um tempo atrás eu saí no Aqui DF, justamente porque eu criei um molhinho de mandioca com jaca, então uma repórter me procurou. Logo depois que a matéria saiu eu postei no meu instagram e a proprietária de um estabelecimento que eu trabalhei me acusou de plágio. Falando que eu tinha roubado a história de vida dela, que ela nem sabia que eu tinha uma avó dona de um restaurante. Fiquei perplexo. (Matheus Nobre)

Ainda nesta linha da comunicação humanizada, Margarida Kunsch, autora de muitas leituras que fazemos na academia, grande estudiosa da comunicação organizacional e interfaces, colabora também para a humanização da comunicação.

Em primeiro lugar, temos que pensar na Comunicação entre as pessoas e que os seres humanos não vivem sem se comunicar. O ambiente organizacional é uma realidade social vivenciada por pessoas que nela convivem. Estas necessitam ser consideradas e valorizadas no fazer comunicativo diário, sem ser sufocadas pelo excesso de Comunicação técnica e instrumental, focada somente nos resultados e nos interesses dos negócios das empresas. (KUNSCH, 2012, p.272)

No meio desse abismo entre a comunicação e a humanização, onde algumas organizações ainda há um sentimento de descarte. No sentido de usar o que um negro criou e descartá-lo quando sua ajuda não é mais necessária para aquilo, ou não creditá-lo pelo feito. Faço desta abordagem uma alusão ao período da escravidão no Brasil. Marta e Matheus pontuam a existência do racismo velado<sup>24</sup> e da concentração de poder.

As maiores festa brancas se apropriam de toda essa cultura negra, mas os mesmo povo branco não frequenta uma festa produzida por

---

<sup>24</sup> Oculto, encoberto. Disponível em <<https://dicionariodoaurelio.com/velado>> acesso em 9 de novembro de 2017, às 17:32.



preto. Então é um status que dão para a nossa cultura mas não dão para o nosso povo. Ganhar dinheiro com o negro é uma coisa, o negro ganhar dinheiro é outra. (Marta Carvalho)

A cultura negra é popular, mas ser negro não é. (Matheus Nobre)

Apesar dessas questões expostas nos relatos, há uma grande solidarização entre a comunidade negra, que entende na união uma forma de vencer os obstáculos do racismo. Sentir na pele o peso da discriminação no dia a dia e até mesmo dentro dos seus negócios, por outro lado, é algo que pode desencadear nesses afroempreendedores, maduros representantes do bom convívio em sociedade e aceitação com os nossos corpos. A empatia se mostra presente dentro da sociedade negra.

trabalhar com auto estima é muito importante, para que a pessoa se reconheça negra e não sinta vergonha de ser negra, passe a sentir orgulho do cabelo, da estética e da cultura. Lá no salão a gente costuma ouvir músicas de artistas negros, nosso diálogo no dia a dia, estamos sempre conversando sobre assuntos de cunho racial, o que faz com que nossas clientes se sintam à vontade para se abrirem e a gente acaba colocando isso em pauta. Nosso trabalho com a estética é bem de psicólogo às vezes. (Layla Moreno)

Eu acho que deva haver um incentivo para tirar o dogma da cabeça dos negros. Porque querendo ou não nós somos meios que doutrinados a arranjar um emprego que pague ok e se contentar com aquilo. Se conformar. Nós temos que mostrar que somos inteligentes, somos capazes. (Matheus Nobre)

Quando é uma pessoa negra e que reproduz o racismo a partir das bonecas, eu paro tudo e sento com ela para explicá-la aonde está o erro. (Cristine Mourão)

Por fim, o que conseguimos depreender destes relatos é o que afroempreendedores estão dispostos a serem dentro da sociedade. Dispostos a trabalharem no que tange às experiências de suas vidas, mas sem deixar o foco de

uma boa liderança e do sucesso. O empreendedorismo não é só mais uma modalidade na área dos negócios, mas um grande agente atual de mudança social e econômica.

## **OUTROS TRECHOS DAS ENTREVISTAS**

Quando é a primeira vez nem sempre elas estão acostumadas né, a se verem daquele jeito. Aí rola o susto, o medo da aprovação da sociedade, como as pessoas vão reagir. Eu já explico quando é a primeira vez aí eu falo “olha, talvez se assuste porque é a sua primeira vez, mas você aguenta três dias, depois você vai amar.” E é assim, elas se acostumam e amam. As tranças parece que viciam, porque ninguém consegue fazer só uma vez. (Layla Moreno)

A marca eu criei para vender comida no carnaval, porque eu estava precisando de grana, pois o meu salário ainda não tinha caído. Fazia umas plaquinhas escrito coxinha de jaca, torta de jaca e saia vendendo nos bloquinhos. Eu postava nos eventos de carnaval, interagindo com o público, então quando eu vi que esse retorno era bem legal me perguntei, por que não? porque eu não posso abrir um negócio? o meu negócio? (Matheus Nobre)

Fiz alguns cursos, procurei emprego, para poder encarar o empreendedorismo como profissão e não como necessidade. (João Paulo)

A juventude negra hoje em dia trás uma ousadia porque não uma juventude que se encontra somente como uma juventude negra, mas ela também se encontra como uma juventude negra, periférica e assumindo seus gêneros (Marta Carvalho)

Os adultos respondem bem às vendas. Tem umas que a gente coloca um black loiro, aí as mulheres que tem o cabelo black loiro compram para elas mesmas, dão de presente para as mães, para as avós. (Cristine Mourão)

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Tratar de um assunto que envolva classe social, cor e fonte de renda, pode ser muito agregante, mas também é um tanto desafiador. Mexer nas estruturas sociais é algo que me propus neste trabalho, ao apresentar relatos de pessoas negras em seus espaços de atuação profissional, na maioria não convencionais, no sentido de agente não explorado. A intenção do trabalho não é de maneira alguma generalizar os casos aqui citados e nem resumir que para a comunidade negra ter sucesso o afroempreendedorismo é a melhor saída. Trouxe o afroempreendedorismo como uma das visões de carreira que possibilita grande inserção do negro no mercado de trabalho em locais de destaque, conforme sua área demandar. Além de desmistificar alguns dos paradigmas existentes em nossa sociedade. Acredito que no futuro, e com ajuda também do empreendedorismo negro, a realidade da população negra não será de agente minoritário, o qual a cor de pele o põe inferior nos diversos espaços.

O estudo sobre a escravidão no Brasil e como se sucedeu, foi um resgate das marcas que esse sistema deixou em nosso país, para que fosse possível embasar o comportamento atual da nossa sociedade.

Foi possível visualizar o empreendedorismo de outro ângulo, não só pelo capital, mas pelo universo exploratório que ele oferece. Um universo que engloba o afroempreendedorismo, que também é político, além de estar presente em grandes debates, que também pude ter o prazer de participar e agregar ao estudo. Outra questão foi as contribuições da Comunicação Organizacional, em ressaltar a humanização das relações, além de alinhar as estratégias e planejamentos, sugeridos pela comunicação, nas esferas do empreendedorismo.

Pude adentrar em um novo patamar de um negro que empreende não apenas por necessidade, mas por se mostrar eficiente a mudar algo. Sobretudo entender que há diversas formas de mudar uma visão cultural e, por muitas vezes, preconceituosa sobre o negro. Um afroempreendedorismo que não tem somente em seu nome um fator de resistência mas também em sua essência.

Os entrevistados contribuíram ainda para uma apreciação do ponto de vista hegemônico de suas relações com a negritude e mostraram ainda que, hoje, o racismo sobrevive nas entrelinhas das relações de trabalho e fora delas. Foi fundamental entender que as demandas da sociedade negra podem ser supridas a partir do afroempreendedorismo. Não apenas do ponto de vista afro cultural, mas ao trazer o negro como autor e protagonista.

Concluo que ainda há muito a ser explorado dentro das vertentes desse tema, mas que o que foi apresentado segue a proposta inicial do trabalho, que é introduzir o afroempreendedorismo com uma apreciação acadêmica e em formato de pesquisa.

Deixo este trabalho como um legado de um dos primeiros trabalhos sobre afroempreendedorismo na Universidade de Brasília e sendo feito por um estudante negro do curso de Comunicação Organizacional. Que este curso possa ainda mais capacitar profissionais que possuam alma empreendedora, onde as análises positivas sugeridas neste trabalho possam surtir efeito mais tarde.

## **BIBLIOGRAFIA**

ABRACEM. **Competências, habilidades e atitudes dos empreendedores de sucesso.** 2015. Disponível em: <<https://www.abracem.com.br/competencias-habilidades-e-atitudes-dos-empresendedores-de-sucesso/>>. Acesso em: 20 out. 2017.

ABRANTES, Deputado Cláudio. **Institui o Programa Afroempreendedor e dá outras providências.** Disponível em: <<https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=280147>>. Acesso em: 21 out. 2017.

AGÊNCIA BRASIL. **Negros são maioria nas favelas, aponta estudo do Ipea.** Disponível em: <<http://www.dgabc.com.br/Noticia/103984/negros-sao-maioria-nas-favelas-aponta-estudo-do-ipea>>. Acesso em: 24 set. 2017.

ALVES, Murilo Rodrigues. **Brasil é o primeiro em ranking de empreendedorismo.** Disponível em:

<<https://exame.abril.com.br/pme/brasil-e-o-primeiro-em-ranking-de-empreendedorismo/>>. Acesso em: 25 out. 2017.

BAGGIO, Adelar Francisco; KNEBEL, Daniel. Empreendedorismo: Conceitos e definições. **Rev. de Empreendedorismo, Inovação e Tecnologia**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p.25-38, ago. 2014.

BANDEIRA, Lourdes; BATISTA, Analía Soria. **Preconceito e discriminação como expressões de violência**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11632.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2017.

BARON, Robert A.; SHANE, Scott A.. **Empreendedorismo: Uma visão do processo**. São Paulo: Cengage Learning, 2007.

BAUER, Instituto Adolpho. **Projeto Brasil Afroempreendedor**. Disponível em: <<http://www.institutoiab.org.br/projeto-brasil-afroempreendedor/>>. Acesso em: 22 out. 2017.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **BRANQUEAMENTO E BRANQUITUDE NO BRASIL**. Disponível em: <<http://www.cehmob.org.br/wp-content/uploads/2014/08/Caderno-Racismo.pdf#page=5>>. Acesso em: 03 set. 2017.

CABRAL, Adrine Couto. **Comunicação organizacional integrada: em busca de um conceito**. 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2343-1.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2017.

CANEDO, Daniele. **“CULTURA É O QUÊ?” - REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE CULTURA E A ATUAÇÃO DOS PODERES PÚBLICOS**. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19353.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2017.

CASTRO, Celso. **Evolucionismo Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia à República: Momentos Decisivos**. São Paulo: Unesp, 1998.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo: Transformando ideias em negócios**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes: No limiar de uma nova era**. São Paulo: Globo, 2008.

GARCIA, Antonia dos Santos; GARCIA JUNIOR, Afrânio Raul. **Relações de Gênero, Raça, Classe e Identidade Social no Brasil e na França**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013.

GELEDÉS INSTITUTO DA MULHER NEGRA. **Racismo Institucional: Uma abordagem conceitual**. São Paulo: Trama Design, 2013.

Governo de Brasília. **SEDESTMIDH CONVOCA REUNIÃO PARA AFROEMPREENDEDORES**. Disponível em:

<<http://brasilia.df.gov.br/sedestmidh-convoca-reuniao-sobre-afroempreendedorismo/>>.

Acesso em: 21 out. 2017.

IORIO, Ubiratan Jorge. **Richard Cantillon (168?-1734) e o início da economia moderna**. Disponível em: <<http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=1813>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

KUNSCH, Margarida M. Krohling. As dimensões humana, instrumental e estratégica da Comunicação Organizacional: recorte de um estudo aplicado no segmento corporativo. **Intercom – Rbcc**, São Paulo, v. 35, n. 2, p.267-289, 14 dez. 2012.

LIMA, Manuella Dantas Corrêa; ABBUD, Maria Emilia de Oliveira Pereira. **Comunicação Organizacional: Histórico, Conceitos e Dimensões**. 2015.

Disponível em:

<<http://www.portalintercom.org.br/anais/norte2015/resumos/R44-0415-1.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2017.

MACHADO, Joana Paula. **Empreendedorismo no Brasil: 2009**. Curitiba: Ibqp, 2010.

MARINGONI, Gilberto. **História - O destino dos negros após a Abolição**. Disponível em:

<[http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com\\_content&id=2673:catid=28&Itemid=23](http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2673:catid=28&Itemid=23)>. Acesso em: 24 set. 2017.

MARTINS, Cláudio. **População negra do Brasil movimentará R\$ 673 bilhões por ano**.

Disponível em:

<<https://exame.abril.com.br/marketing/populacao-negra-do-brasil-movimentara-r-673-bilhoes-por-ano/>>. Acesso em: 29 out. 2017.

MOURA, Gilson. **Religiões No Brasil**. 2014. Disponível em:

<[https://books.google.com.br/books?id=RBtGBQAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=RBtGBQAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em: 26 set. 2017.

NASCIMENTO, André José do; MEDEIROS, Ms. Maria da Gloria de. **O FIM DA ESCRAVIDÃO E AS SUAS CONSEQUÊNCIAS**. 2010. Disponível em: <<http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/4Col-p.309.pdf>>.

Acesso em: 17 out. 2017.

NOGUEIRA, João Carlos. **DESENVOLVIMENTO E EMPREENDEDORISMO AFRO-BRASILEIRO: Desafios históricos e perspectivas para o século 21**. São Paulo: Atilênde, 2013.

OLIVEIRA, Edson Marques. **Empreendedorismo social no Brasil: atual configuração, perspectivas e desafios – notas introdutórias**. Disponível em: <<https://revistafae.fae.edu/revistafae/article/view/416/299>>. Acesso em: 09 out. 2017.

OLIVEIRA, Josiane Silva de; SOUZA, Márcia Cristina David de; PEREIRA, Jaiane Aparecida. **Empreendedorismo, Cultura e Diversidade: a Participação dos Empreendedores Negros nas Atividades Empreendedoras no Brasil no Período de 1990 à 2008**. 2010. Disponível em: <<http://www.anegepe.org.br/edicoesanteriores/recife/EMP205.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2017.

PINHO, Osmundo Araújo; SANSONE, Livio. **Raças: novas perspectivas antropológicas**. Salvador: Edufba, 2008.

PUFF, Jefferson. **Por que as religiões de matriz africana são o principal alvo de intolerância no Brasil?** 2014. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160120\\_intolerancia\\_religioes\\_africa\\_nas\\_jp\\_rm](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160120_intolerancia_religioes_africa_nas_jp_rm)>. Acesso em: 17 out. 2017.

REIS, Evandro Paes dos; ARMOND, Álvaro Cardoso. **Empreendedorismo**. Curitiba: lesde Brasil S.a, 2012.

RIBEIRO, Fernanda. **Precisamos falar sobre o “Black Money”**. Disponível em: <<https://mundonegro.inf.br/precisamos-falar-sobre-o-black-money/>>. Acesso em: 25 out. 2017.

ROSSI, Juliano Scherner. **ANÁLISE ECONÔMICA DO KNOW-HOW**. Disponível em: <<http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=075a0fee1ce99f7d>>. Acesso em: 31 set. 2017.

ROSSI, Juliano Scherner. ANÁLISE ECONÔMICA DO KNOW-HOW. **Xxiii Congresso Nacional do Conpedi**, Paraíba, v. 23, n. 1, p.173-195, nov. 2014.



SEBRAE. **Micro e pequenas empresas geram 27% do PIB do Brasil.** 2014.

Disponível em:

<<https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/mt/noticias/micro-e-pequenas-empresas-geram-27-do-pib-do-brasil,ad0fc70646467410VgnVCM2000003c74010aRCRD>>.

Acesso em: 24 ago. 2017.

VALERY, Gabriel. **São Paulo cria programa de incentivo ao afroempreendedor.**

Disponível em:

<<http://www.redebrasilatual.com.br/trabalho/2016/02/sao-paulo-cria-programa-de-incentivo-ao-afroempreendedor-971.html>>. Acesso em: 25 out. 2017.